

*Se
você
me
ama...*

**Cartas de Lorde Byron para
Catherine Gordon**

Marília Mesquita Queiroz

*Se
você
me
ama...*

**Cartas de Lorde Byron para
Catherine Gordon**

Marília Mesquita Queiroz



1ª edição, Teresina - PI. 2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

Reitor

José Arimatéia Dantas Lopes

Vice-Reitora

Nadir do Nascimento Nogueira

Superintendente de Comunicação

Jacqueline Lima Dourado

Editor

Ricardo Alaggio Ribeiro

EDUFPI - Conselho Editorial

Ricardo Alaggio Ribeiro (presidente)

Acácio Salvador Veras e Silva

Antonio Fonseca dos Santos Neto

Cláudia Simone de Oliveira Andrade

Solimar Oliveira Lima

Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz

Viriato Campelo



Editora da Universidade Federal do Piauí - EDUFPI

Campus Universitário Ministro Petrônio Portella

CEP: 64049-550 - Bairro Ininga - Teresina - PI - Brasil

Todos os Direitos Reservados

FICHA CATALOGRÁFICA

Universidade Federal do Piauí

Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

Serviço de Processamento Técnico

Q3s Queiroz, Marília Mesquita.
Se você me ama... Cartas de Lorde Byron para Catherine Gordon / Marília
Mesquita Queiroz. – Teresina : EDUFPI, 2020.
72 p.
ISBN 978-65-86171-48-8
1. Byron. 2. Cartas. 3. Literatura. 4. Tradução. I. Título.

CDD 823

Imagem da capa: Pintura a óleo feita por Richard Westall em 1813. Disponível em:
WikiMedia, [https://en.wikipedia.org/wiki/File:George_Gordon_Byron,_6th_Baron_Byron_by_Richard_Westall_\(2\).jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/File:George_Gordon_Byron,_6th_Baron_Byron_by_Richard_Westall_(2).jpg)

Capa, projeto gráfico e diagramação: Vinícius Alves.

Revisão: a tradutora.

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	5
Atônito	7
É melhor deixá-lo tirar a minha vida do que destruir minha reputação	8
Em um patamar mais elevado	11
Nunca interferirei nas suas e desejo que você não me aborreça com as minhas	12
Posso e vou traçar meu próprio caminho pelo mundo ou perecer na tentativa	14
Se não concordarem, fugirei sem o seu consentimento	16
Eu não tenho ambição de ser um louco tão ilustre	18
Como eu digo só a verdade, você não vai suspeitar que eu esteja inventando desculpas	19
Venha o que vier, Newstead e eu permanecemos ou caímos juntos	21
Longe das tentações desse lugar abominável.....	22
O mundo está diante de mim	23
Se eu me casar, vou levar para casa uma sultana com dez cidades de dote.....	25
Logo estarei entre os mulçumanos.....	30
Fletcher gritou pela esposa, os gregos chamaram todos os santos, os mulçumanos a Alá... ..	32
A Grécia é encantadora	39

Não sou “boa alma”, e nem ateu.....	41
Esperando ansiosamente	42
Tudo o que resta de Tróia são os túmulos de seus destruidores	43
Atravessei o Helesponto	44
Um retrato meu a óleo feito por Sanders.....	45
Nosso primeiro dever é não fazer o mal; mas, que pena! Isso é impossível	47
Lamento por você e pelos seus vizinhos caçadores de fofocas...	51
Fletcher, depois de ter sido assado e torrado, cozido, grelhado e comido por todos os tipos de coisas rastejantes, começa a filosofar	52
Tão desconfortável para ele quanto para mim	55
Hoje num palácio, amanhã numa espelunca	57
Uma façanha da qual tenho o cuidado de me gabar	59
Os homens prejudicam mais a si mesmos do que o próprio Diabo.....	62
A três mil milhas da Inglaterra, sem dinheiro	64
Nem interesse nem afeição me levam em direção ao norte	65
Nunca gostei da sociedade, e estou gostando menos do que antes.....	66
Uma visita curta	68
EPÍLOGO	69

APRESENTAÇÃO

A ideia de organizar uma versão das cartas de Lorde Byron em língua portuguesa surgiu durante o curso de Mestrado em Letras, na Universidade Federal do Piauí, quando, a partir de estudos sobre o poeta, viemos a saber que, de forma geral, traduções dessas missivas para nosso idioma ainda são escassas. Diante de tal lacuna, apresentamos, na dissertação, versões de algumas das cartas de Byron para a mãe, Catherine Gordon, constantes no primeiro volume de Rowland Prothero (1898). Com o término do curso, buscamos reunir todas as epístolas do bardo para Catherine em domínio público. Assim, traduzimos aqui 31 cartas familiares escritas por Byron entre 1799, quando mãe e filho começam a se corresponder, e 1811, ano do falecimento de Catherine.

Como veremos, o conteúdo desses documentos gira em torno das aventuras e desventuras de Lorde Byron pela vida, dos 11 aos 23 anos de idade: as desavenças com os professores em Harrow, o desespero por amor, os comentários ácidos sobre o comportamento de seu criado Fletcher, de vizinhos, de colegas de viagem, de conterrâneos, de chefes de estado... Ao longo das missivas, será possível notar que as narrações, inicialmente centradas nas angústias pueris de um Byron adolescente, vão sendo gradativamente substituídas pela descrição das paisagens e personagens com as quais o jovem aventureiro se depara em sua primeira *grand tour* pelo exterior, que inclui andanças por países como Portugal, Espanha, Grécia e Albânia, entre outros.

Marcadas por um *ethos* vaidoso, crítico e irônico, estas cartas permitem visualizar também traços da espontaneidade do poeta, cujas narrativas literárias, ressaltam biógrafos e estudiosos¹, muitas vezes se confundem com episódios de sua vida real. Para uma melhor compreensão dos textos aqui apresentados, trazemos informações complementares de autores como Prothero (1898), Marchand (1993) e Eisler (1999), em notas de rodapé, ao longo das cartas. A pontuação e a divisão em parágrafos, que marcam o acento dessa versão, são por nossa conta. Os vocábulos sublinhados e o uso exagerado do &, por sua vez, estão em acordo com a compilação de Cochran (2012), que busca reproduzir, com alto grau de fidelidade, as idiossincrasias linguísticas de Byron nesses escritos.

1 - Conf. LANSDOWN, Richard. Byron's letters and journals: a new selection. United Kingdom: Oxford University Press, 2015; COCHRAN, Peter. Byron's correspondence and journals 01: from Newstead, Southwell, and other places in England: November 1799-july 1809. Updated June, 21st, 2012. Disponível em: <https://petercochran.files.wordpress.com/2009/02/01-england-1791-180921.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2018; e PROTHERO, Rowland E. (ed.). The Works of Lord Byron: a new, revised and enlarged edition, with illustrations. Letters and Journals. Vol. I. London: John Murray, New York: Charles Scribner's Sons, 1898. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br>>. Acesso em: 10 set. 2016.

Atônito

Nottingham, 13 de março de 1799.

Querida mamãe,

Estou muito feliz em saber que você está bem. Eu também estou, graças a Deus. Nossa! Não esperei muito tempo por uma carta sua. Porém, vou respondê-la da melhor forma possível. Sra. Parkyns & os outros estão bem e estão muito gratos a você pelo presente. O Sr. Rogers² poderia me ensinar todas as noites em um horário diferente da senhorita Parkynses, e fico atônito por você não concordar com este esquema, que me faria lembrar o que esqueci quase completamente. Eu sugiro isso a você porque, se algum plano desse tipo não for adotado, eu serei chamado, ou melhor, ficarei marcado como retardado, que você sabe que eu jamais poderia suportar. Peça-lhe que considere este plano seriamente, & eu me comprometerei ao máximo. Ficarei muito contente em ver a carta da qual você fala, & tenho tempo apenas para dizer que espero que todos estejam bem em Newstead,

*& permaneço
seu afetuoso filho,
Byron.*

P.S. Por favor, me avise quando você vai enviar os cavalos para irmos a Newstead. May³ quer saber das atribuições dela & eu também espero uma resposta no moleiro.

2 - Segundo Prothero (1898, p.7) Dummer Rogers era professor de francês, inglês, latim e matemática e estudou trechos de Virgílio e Cícero com Byron. Durante as aulas, o menino tentava ignorar as terríveis dores causadas pela posição que seu pé ficava num aparelho ortopédico. Anos depois, Byron enviou uma mensagem ao antigo mestre pedindo ao portador que dissesse a ele que ainda sabia recitar vinte versos de Virgílio que havia lido com Rogers enquanto sofria tortura o tempo inteiro.

3 - Em uma carta escrita por John Hanson (advogado e figura paterna para Byron) para a Sra. Byron, apresentada em Prothero (1898, p. 10), a cuidadora do menino é retratada de forma bastante negativa: “Eu lhe asseguro, senhora, que não teria tomado a liberdade de interferir (...) se não achasse absolutamente necessário que você examinasse as atitudes de sua serviçal, Sra. Gray. A conduta dela em relação ao seu filho em Nottingham foi revoltante, e tive certeza de que você só precisava desse alerta para demiti-la. Sra. Parkyns me disse algo, mas quando eu soube por pessoas imparciais que este era o assunto geral, seria cruel de minha parte ficar em silêncio. Meu honrado companheirinho (...) me disse que ela estava batendo nele constantemente, e que seus ossos às vezes doíam por causa disso; que ela trouxe todo tipo de companhia da mais baixa espécie para dentro de casa; que ela ficava fora até altas horas da noite (...), levava os motoristas para o coche com ela e parava em toda e qualquer taverna para beber com eles. Mas, senhora, isso não é tudo; ela até mesmo a difamou.”

É melhor deixá-lo tirar a minha vida do que destruir minha reputação

Harrow on the Hill, domingo, 1º de maio de 1803.

Minha querida mãe,

Recebi sua carta outro dia e estou feliz em saber que você está bem. Espero que você encontre Newstead em um estado tão bom quanto deseja. Gostaria que você escrevesse a Sheldrake para dizer a ele que se apresse com meus sapatos⁴. Lamento dizer que o Sr. Henry Drury⁵ tem se comportado comigo de uma maneira que eu não posso nem vou tolerar. Ele agora aproveitou uma oportunidade para mostrar o ressentimento dele em relação a mim. Hoje, na igreja, eu estava conversando com um garoto que estava sentado ao meu lado; aquilo talvez não fosse certo, mas ouça o que se seguiu. Depois da Igreja, ele não me disse uma palavra sequer, mas levou este menino para a sala dele, onde me abusou de uma maneira muito violenta, me chamou de canalha, disse que iria e podéria ter me expulsado da escola & me disse para agradecer à caridade dele que o impediu.

Este foi o recado que ele me deu, ao qual não responderei, mas submeto meu caso a você e àqueles que achar adequados consultar. Isso é tratamento adequado a quem quer que seja? Se eu tivesse roubado ou agido da maneira mais abominável possível com ele, o linguajar dele não poderia ter sido mais ultrajante. O que os garotos vão pensar de mim ao ouvir uma coisa dessas, dita a mim por um mestre? É melhor deixá-lo tirar a minha vida do que destruir minha reputação. Minha consciência está limpa sobre alguma vez ter merecido expulsão nesta escola; tenho sido ocioso e certamente não devia conversar na igreja, mas nunca fiz nada de ruim nessa escola contra ele nem contra ninguém.

4 - Biógrafos apontam que Byron era coxo, tendo nascido com um problema no pé direito. Os sapatos em questão são ortopédicos e Sheldrake era o responsável por produzi-los.

5 - Professor assistente e filho de Dr. Drury, diretor de Harrow. Henry Drury era o tutor diretamente responsável por Byron, que, talvez por não aceitar ser disciplinado pelo jovem professor, pede à mãe para não mais ficar sob a tutoria do rapaz.

Se eu tivesse feito algo tão hediondo, por que ele me permitiria ficar na escola? Por que ele próprio seria tão criminoso a ponto de ignorar falhas que merecem o título de canalha? Se ele tivesse tido autoridade para me expulsar, ele já teria feito isso há muito tempo; desse jeito, ele fez pior. Se eu for tratado dessa maneira, não vou ficar nessa escola. Escrevo a você que ainda não apelarei ao Dr. Drury; a influência do filho dele é maior do que a minha & a justiça seria recusada a mim. Lembre-se que eu lhe disse, quando a deixei em Bath, que ele aproveitaria todos os meios e oportunidades de vingança, não tanto por deixá-lo quanto pela humilhação que ele sofreu, porque eu implorei a você para me permitir deixá-lo.

Se eu tivesse sido o canalha que ele diz, por que ele, por conta própria, não se recusou a me aceitar como aluno dele? Você conhece a primeira carta de Dr. Drury, na qual estavam estas palavras: “meu filho & Lord Byron têm tido alguns desentendimentos, mas espero que o comportamento dele no futuro faça com que uma mudança de tutores seja desnecessária”. Período passado eu estive aqui por pouco tempo, e, embora se esforçasse, ele não conseguiu encontrar nada para me caluniar. Entre outras coisas, esqueci de lhe dizer que ele disse que tinha intenção de expulsar o menino por falar comigo, e que se ele falasse comigo novamente, o expulsaria.

Deixe-o explicar o que ele quis dizer; ele me maltratou, mas não mencionou nem pode mencionar nada de ruim sobre mim, além daquilo que qualquer garoto da escola tem feito. Não tenho medo dele; mas deixe-o explicar o que ele quis dizer; é tudo que eu peço. Imploro que você escreva ao Dr. Drury para que ele saiba o que eu disse. Ele tem se portado muito gentilmente comigo e também com o Sr. Evans. Se você não der ouvidos a isso, eu mesmo vou deixar a escola; mas tenho certeza de que você não me verá maltratado; Melhor sofrer qualquer coisa do que isso. Acredito que a esta hora você estará cansada de ler a minha carta, mas, se você me ama, você vai mostrar agora. Por favor, me escreva imediatamente. Eu sempre serei;

*Seu afetuoso Filho,
Byron.*

P.S. Hargreaves Hanson⁶ lhe deseja estima e espera que você esteja muito bem. Não está me faltando dinheiro, por isso não vou pedir-lhe nenhum. Deus abençoe, abençoe você.

6 - Filho de John Hanson, advogado de Byron.

Em um patamar mais elevado

Harrow-on-the-Hill, 23, 6, 8, 30 de junho 1803.

Minha querida mãe,

Sou muito grato a você pelo dinheiro que me enviou. Já lhe escrevi várias vezes sobre escrever a Sheldrake: gostaria que você escrevesse para ele, ou que o Sr. Hanson recorresse a ele para dizer que faça um aparelho para minha perna imediatamente, do jeito que eu quero, de preferência⁷. Me puseram em um patamar mais elevado nesta escola hoje, e o Dr. Drury e eu continuamos muito bem; escreva logo, minha

querida mãe.

*Eu permaneço
seu afetuoso Filho
Byron.*

⁷ - MacCarthy (2014, p.26) aponta que Byron não tinha paciência de usar tais aparelhos e chegou a jogar um deles num lago.

Nunca interferirei nas suas e desejo que você não me aborreça com as minhas

Newstead, [Setembro de 1803]⁸.

Minha querida mãe,

Eu enviei Mealey⁹ até você hoje, antes de William¹⁰ vir, mas agora eu mesmo vou escrever. Eu lhe prometo, por minha honra, que voltarei amanhã à tarde. Não queria resistir aos seus comandos, e, de verdade, pretendia seriamente voltar amanhã depois de ter recebido sua última carta, você sabe tão bem quanto eu que não é da sua companhia que eu não gosto, mas do lugar onde você mora. Eu sei que é hora de ir para Harrow, isso me deixará infeliz, mas vou obedecer. Eu só desejo, imploro este único dia e, por minha honra, estarei aí amanhã, à noite ou à tarde. Lamento que você desaprove minhas companhias, que, no entanto, são as melhores deste condado e iguais a mim na maioria dos aspectos, mas vou me permitir escolher por mim mesmo. Nunca interferirei nas suas e desejo que você não me aborreça com as minhas. Se você me fizer este favor e me permitir esse único dia sem aborrecimentos, você agradecerá eternamente seu infeliz filho

Byron.

8 - Segundo Prothero (1898, p.16), em setembro de 1803, no final das férias, Byron não retornou à escola. Dr. Drury, o diretor, solicitou a Hanson uma explicação em 4 de outubro. Sra. Byron enviou, juntamente com esta carta de Byron, a seguinte resposta: “Você deve estar surpreso, assim como Dr. Drury, porque Byron ainda não retornou a Harrow. Mas a verdade é que não consigo fazê-lo voltar, embora tenha feito tudo ao meu alcance há seis semanas. Ele não tem indisposição nenhuma que eu saiba, exceto amor, amor desesperado, o “pior” de todos os “males” na minha opinião. Em suma, o menino está completamente apaixonado pela senhorita Chaworth, e não esteve comigo nem três semanas (...), passou o tempo todo em Annesley. Mesmo se meu filho tivesse uma idade adequada e a dama não fosse noiva, seria a última de todas as ligações que eu gostaria que acontecesse; isso tem me inquietado bastante. Para evitar problemas no futuro, estou determinada que ele não volte aqui até a Páscoa. Portanto, peço que você encontre um lugar adequado para ele nas próximas férias. Não importa quanto eu pague. Gostaria que o Dr. Drury o mantivesse lá. Eu irei para Newstead amanhã e farei um ‘último esforço’ para levá-lo para a cidade”. O esforço, se feito, falhou. Em 7 de novembro de 1803, Sra. Byron escreveu novamente: “Byron está tão deprimido que eu concordei, indo contra a minha vontade, em deixá-lo permanecer até as próximas férias”. Byron voltou para Harrow apenas em janeiro de 1804. A senhorita Mary Anne Chaworth, objeto da sua paixão na ocasião, morava em Annesley, perto da abadia de Newstead.

9 - Owen Mealey era o administrador da propriedade Newstead Abbey, a abadia herdada por Byron do tio-avô, juntamente com o título de barão.

10 - Um empregado.

Eu não tentarei dar nenhuma desculpa, já que você não quer uma, eu apenas imploro a você como governadora, e não como mãe, que me permita este único dia. Aqueles que eu mais amo vivem nesse condado. Portanto, por misericórdia, eu imploro este único dia para me despedir e depois vou me juntar a você novamente em Southwell para me preparar para ir a um lugar onde... não vou escrever mais, isso só aborreceria você, adeus, amanhã eu vou.

Posso e vou traçar meu próprio caminho pelo mundo ou perecer na tentativa

Harrow on the Hill, 1-10 de maio de 1804,

Minha querida mãe,

Recebi sua carta e fiquei muito feliz em saber que você está bem. Estou muito confortável aqui no que se refere aos meus colegas, mas tive duas ou três rugas com Drury e os outros mestres, que não são muito convenientes. Outro dia, enquanto estava me repreendendo (talvez muito corretamente) pelos meus erros, ele proferiu as seguintes palavras: “não é provável que pela sua idade e situação na escola seus amigos permitam que você permaneça mais tempo que o verão. Mas o fato de você estar prestes a deixar Harrow não é motivo para que crie na casa um cenário de tumulto e confusão”.

Isso e muito mais disse o doutor, e fui informado por fonte fidedigna que Dr. Drury, Sr. Evans e Mark Drury disseram que eu era um canalhã. Que Mark Drury disse isso eu sei, mas estou inclinado a duvidar da autenticidade do relatório quanto ao resto. Talvez seja verdade, talvez não, mas, graças a Deus, eles podem me chamar de canalhã, mas nunca poderão me tornar um. Se Dr. Drury puder trazer ao menos um dos meninos ou qualquer outra pessoa para dizer que eu cometi uma ação desonrosa, e provar isso, eu fico satisfeito, mas, por outro lado, sou estigmatizado sem causa, e desprezo os esforços maliciosos dele e do irmão.

O irmão dele Mark, não Henry Drury (a quem eu farei a justiça de dizer que nunca mais, desde ano passado, me perturbou) fica me criticando constantemente por causa da limitação da minha fortuna. Com que finalidade, eu não sei, as intenções dele podem ser boas, mas a maneira dele é desagradável. Não vejo razão para ser repreendido por causa disso, tenho tanto dinheiro e tantas roupas quanto, e, em todos os aspectos, na aparência, sou igual, se não superior, à maioria dos meus colegas de escola, e, se minha fortuna é escassa, é minha desventura, não minha culpa. No entanto,

as portas para a riqueza e a grandeza estão diante de mim, eu posso e vou traçar meu próprio caminho pelo mundo ou perecer na tentativa. Outros começaram a vida sem nada e terminaram grandiosamente, e eu, que tenho uma fortuna, se não grande, adequada, permanecerei ocioso? Não! Eu vou esculpir minha porta para grandeza, mas nunca com desonra.

Estas, madame, são minhas intenções. Por que esse filho um de fabricante de botões me censura sobre uma propriedade que é muito superior à dele, eu não sei. Mas ele me chamar de canalha é muito pior. Pela primeira acusação posso culpar apenas o Sr. Hanson (e aquele intrometido do Lorde Gray de Ruthyn, a quem sempre considerarei meu inimigo mais inveterado), é uma mera bobagem, mas a segunda não posso tolerar. Não mereci e não serei insultado com impunidade. O Sr. Mark Drury sai com o filho e me vê à distância em um pônei que eu aluguei para ir ao local de banho, que é muito longe para eu ir andando, ele grita, diz ao filho que eu sou um canalha. Esse filho, que não é meu amigo, chega em casa e conta a história aos seus colegas, possivelmente com alguns exageros, mas, na maior parte, verdade, e eu sou considerado como tal pessoa por meus companheiros. Isso não, não direi mais nada, só espero que você leve isso em consideração e me retire, no verão, de um lugar onde eu sou provocado com insultos por aqueles de quem eu menos merecia.

*Eu permaneço seu afetuoso filho,
Byron*

Se não concordarem, fugirei sem o seu consentimento

Piccadilly, n°16, 26 de fevereiro de 1806.

Querida mãe,

Apesar de seu conselho sábio e econômico eu paguei minhas dívidas de Harrow, pois posso me dar ao luxo de esperar bem mais tempo por dinheiro do que os pobres diabos que eram meus credores. Eu também quitei minhas contas da faculdade que totalizam £231, £75 dos quais vou incomodar Hanson para reembolsar, por serem para mobília, e, como minha mesada é de £500 por ano, eu não optei por desperdiçar o excedente porque são apenas £125 por trimestre. Acontece que tenho algumas centenas em dinheiro¹¹, então paguei as contas; mas acho inconveniente permanecer na faculdade, não pelo gasto, pois eu poderia viver da minha renda (só que eu sou naturalmente extravagante). No entanto, o modo como ela funciona não se adequa à minha natureza. O aprimoramento em uma universidade inglesa para um homem de status é, você sabe, impossível, e a própria ideia é ridícula.

Agora, desejo sinceramente terminar meus estudos, e tendo estado algum tempo em Cambridge, o crédito da Universidade está ligado ao meu nome como se eu tivesse seguido os meus Estudos lá por um século; mas, acredite em mim, não é nada mais que um nome, que já está conquistado. Posso sair com honra agora, pois paguei tudo, & quero passar dois anos no exterior, onde estou certo de que empregarei meu tempo com muito mais proveito e muito menos despesas do que em nossos seminários ingleses. É verdade que não posso entrar na França, mas a Alemanha e as cortes de Berlim, Viena e Petersburgo ainda estão abertas. Vou apresentar o plano

11 - Prothero (1898, p. 95) apresenta trecho de uma carta de Catherine para o advogado Hanson na qual ela se mostra contra a viagem do filho e extremamente preocupada sobre a origem desse dinheiro. Conforme Marchand (1993), nessa ocasião, Byron tinha acabado de contrair um alto empréstimo com agiotas.

para Hanson & Lorde C. Suponho que todos vocês concordarão, e, se não concordarem, fugirei, se possível, sem o seu consentimento, embora apreciase mais fazê-lo de maneira regular & com um tutor de sua indicação.

Esse é o meu projeto. No momento, desejo que você não conte a Hanson sobre isso. A propósito, ele me disse que iria se empenhar para conseguir suas 600 libras de taxas de rendimentos atrasadas, pois os amigos dele agora estão em posse do Tesouro. Me dê sua resposta. Tenho a intenção de permanecer na cidade por mais um mês, quando talvez eu me dirija com meus cavalos para a sua residência naquela sarjeta excecrável. Espero que tenha contratado um empregado, senão será impossível para mim visitá-la, já que meu criado deve cuidar em primeiro lugar dos cavalos dele; além disso, você vai passar despercebida tendo apenas empregadas mulheres em sua casa.

Eu permaneço seu,
Byron.

Eu não tenho ambição de ser um louco tão ilustre

Abadia de Newstead, Notts, 7 de outubro de 1808.

Cara Senhora,

Eu não tenho camas para os Hansons e nem ninguém no momento. Os Hansons dormem em Mansfield. Não sei em que me assemelho a Jean Jacques Rousseau¹². Eu não tenho ambição de ser um louco tão ilustre – mas disse eu sei: vou viver do meu próprio jeito, e o mais sozinho possível. Quando os meus cômodos estiverem prontos, ficarei feliz em vê-la; neste momento seria impróprio & desconfortável para ambas as partes.

Você dificilmente pode ser contra que eu torne minha mansão habitável, apesar da minha partida para a Pérsia em março (ou maio, no mais tardar), já que você será a moradora até meu retorno. E, em caso de algum acidente (pois já organizei para que meu testamento seja elaborado no momento em que eu fizer vinte e um anos), tomei cuidado para que você fique com a casa & as terras arrendadas, além de uma renda satisfatória. Portanto, você vê que minhas benfeitorias não são totalmente egoístas.

Como tenho um amigo aqui, iremos para o baile no dia 12. Vamos tomar chá com a Sra. Byron¹³ às oito horas, & esperamos ver você no baile. Se aquela senhora nos disponibilizar dois quartos para nos vestir, ficaremos muito agradecidos: se estivermos no baile às dez ou onze, será tempo suficiente, & vamos voltar a Newstead por volta das três ou quatro. Adeus. Acredite em mim,

muito sinceramente,

Byron.

12 - Prothero (1898, p. 192), reproduz um trecho no qual Byron discorre sobre ser comparado a Rousseau pela mãe e por Madame de Stael: “Não vejo nenhum ponto de semelhança; Ele escreveu prosa, eu verso; ele era do povo, eu da aristocracia; ele era filósofo, eu não sou; ele publicou seu primeiro trabalho aos quarenta anos, eu aos dezoito; seu primeiro ensaio o trouxe aplauso universal, o meu, o contrário; ele se casou com a governanta, eu não consegui ficar casado com minha esposa; ele achava que o mundo inteiro tinha uma trama contra ele, meu mundinho parece achar que eu tenho um plano contra ele, se eu julgar pelo abuso da imprensa e das rodas de conversa; (...) ele tinha péssima memória, eu tenho uma excelente (...) ele também era míope e, até então, meus olhos são o contrário, de tal forma que, no maior teatro de Bolonha, eu conseguia distinguir e ler alguns bustos e inscrições pintados perto do palco de um camarote tão distante e tão mal iluminado que ninguém da companhia (composta de pessoas jovens e de olhos muito vivos, algumas delas no mesmo camarote) conseguia ler uma letra e achava que era truque, embora eu nunca tivesse estado nesse teatro antes...”

13 - Hon. Sra. George Byron, tia-avó de Byron, segundo Prothero (1898, p.194).

Como eu digo só a verdade, você não vai suspeitar que eu esteja inventando desculpas

Abadia de Newstead, 2 de novembro de 1808.

Querida mãe,

Por favor, vamos esquecer as coisas que você menciona. Não tenho vontade de lembrar delas. Quando os meus cômodos estiverem prontos, ficarei feliz em vê-la; como eu digo só a verdade, você não vai suspeitar que eu esteja inventando desculpas. Estou equipando a casa mais para você do que para mim, e vou acomodar você nela antes de navegar para a Índia, o que eu espero fazer em março, se nada particularmente obstrutivo ocorrer. Agora estou montando a sala de estar verde, o vermelho para um quarto e os cômodos de cima como dormitórios. Eles serão concluídos em breve, pelo menos eu espero que sim. Paguei uma conta no total de 182 libras a Banet, eu acho caro.

Gostaria que você perguntasse ao Major Watson (que é um velho indiano) o que será necessário providenciar para a minha viagem. Já procurei um amigo para escrever ao professor de árabe em Cambridge para algumas informações que estou ansioso para conseguir. Eu posso conseguir cartas do governo para os embaixadores, cônsules, & c. facilmente, e também para os governadores em Calcutá & Madras. Colocarei minha propriedade e meu testamento nas mãos de administradores até meu retorno, e quero nomeá-la um deles.

De Hanson, eu não ouvi nada. Quando o fizer, você terá os detalhes. Afinal, você deve reconhecer que meu projeto não é ruim. Se eu não viajar agora, não irei nunca, e todos os homens devem fazê-lo um dia ou outro. Atualmente, não tenho nada que me prenda em casa; nenhuma esposa, ou irmãs, irmãos, & c. que estejam necessitados. Eu devo cuidar de você, e, quando eu voltar, possivelmente me tornarei um político. Alguns anos de conhecimento sobre países diferentes do nosso não me incapacitarão para esse papel. Se não

vermos outra nação além da nossa, não daremos à humanidade uma oportunidade justa. É a partir da experiência, não dos livros, que devemos julgá-los. Não há nada como a inquirição e a confiança em nossos próprios sentidos.

*Seu muito sinceramente,
Byron*

Venha o que vier, Newstead e eu permanecemos ou caímos juntos

Rua St. James, nº 8, 6 de março de 1809.

Querida Mãe,

Minha última carta foi escrita com imensa tristeza pela morte do pobre Falkland¹⁴, que deixou sem um xelém¹⁵ a esposa e quatro filhos. Estive me esforçando para ajudá-los, o que, Deus sabe, não posso fazer como gostaria devido às minhas próprias dificuldades e às muitas exigências que me vêm de outras partes.

O que você diz é a pura verdade: venha o que vier, Newstead e eu permanecemos ou caímos juntos. Eu já vivi no local, meu coração se apegou a ele, e nenhuma pressão, presente ou futura, me fará trocar o último resquício de nossa herança. Tenho esse orgulho dentro de mim, o que me permitirá suportar as dificuldades. Eu posso suportar privações; se eu conseguisse a maior fortuna do país em troca da abadia de Newstead, eu rejeitaria a oferta. Pense como quiser a respeito disso. O Sr. Hanson fala como um homem de negócios sobre o assunto, eu me sinto como um homem de honra, e não vou vender Newstead.

Tomarei posse de minha cadeira¹⁶ com o retorno dos depoimentos de Carhais, na Cornualha, e farei algo na Câmara em breve: devo correr, ou está tudo acabado. Minha Sátira deve ser mantida em segredo por um mês. Depois disso, você pode dizer o que quiser sobre o assunto. Lordê Carlisle me usou de modo infame, e se recusou a dizer quaisquer detalhes sobre minha família ao chanceler. Eu o satirizei em minhas rimas, e talvez sua senhoria possa se arrepender de não ser mais conciliador. Dizem-me que terá venda. Espero que sim, pois o livreiro tem se comportado bem, na medida em que a publicação vai bem. Acredite em mim, etc.

P.S. - Você terá uma hipoteca em uma das fazendas.

14 - Prothero (1898, p.216) aponta que o Capitão Charles John, nono Lord Falkland fora recentemente demitido de seu navio, mas tinha recebido uma promessa de ser reintegrado. Muito empolgado pela perspectiva, jantou, em uma noite de março de 1809, na cafeteria Stevens, em Bond Street. Lá, deu ao Sr. Powell um apelido ofensivo. Disso resultou um desafio, no qual Falkland foi mortalmente ferido, falecendo dois dias depois por conta da piada.

15 - Moeda inglesa equivalente a um vigésimo de libra.

16 - Byron tomou posse na Câmara dos Lordes em 13 de março de 1809 (PROTHERO, 1898, p. 217).

Longe das tentações desse lugar abominável

Rua St. James, 19 de maio de 1809

Querida mãe,

Descobri Fletcher envolvido com prostitutas e levando para uma mulher da cidade o próprio garoto que eu tinha deixado sob a responsabilidade dele e que ele enviou para casa com uma mentira para acobertar os dois, mesmo depois das mais rígidas ordens da minha parte para vigiar a própria moral e mantê-lo longe das tentações desse lugar abominável. Enviei o garoto de volta para o pai. Antes desse ocorrido, ele era bondoso, honesto e tudo que eu poderia querer dele, e assim teria ficado, se não fosse pelas intrigas do patife, que é culpado não apenas por cometer adultério, mas também por depravar a mente de um jovem inocente, sem nenhum outro motivo, exceto aquele no qual atua o próprio diabo, a saber, fazer o outro mergulhar na mesma infâmia.

Pelo bem da esposa dele, ele terá uma fazenda ou outra provisão de algum tipo, mas vou demiti-lo no momento que eu arranjar outro criado. Eu navego no dia 16 de junho. Avise a esposa dele sobre esse ocorrido, ela provavelmente vai ouvir isso de outro jeito se vindo dos parentes do menino. Você já ouviu algo tão diabólico? Ele nem mesmo negou, pois encontrei o endereço da prostituta escrito na própria mão dele e enviei em uma carta a Mealey. Por favor, pegue o papel de M. e guarde-o com cuidado. Eu tenho um motivo para isso.

Por favor, escreva logo, & acredite em mim

*Seu sempre,
Byron*

O mundo está diante de mim

Falmouth¹⁷, 22 de junho de 1809.

Querida mãe,

Vou navegar em alguns dias, provavelmente antes que esta carta chegue até você. Fletcher suplicou tanto que o mantive a meu serviço. Se ele não se comportar bem no exterior, vou mandá-lo de volta em um transporte. Eu tenho um criado alemão (que já esteve com o Sr. Wilbraham na Pérsia antes e foi muito recomendado a mim pelo Dr. Butler, de Harrow), Robert e William. Eles constituem toda a minha comitiva. Eu tenho muitas cartas. Você saberá de mim nos diferentes portos em que eu chegar, mas não deve se alarmar se minhas cartas se extraviarem. O continente está em bom estado – uma insurreição explodiu em Paris e os austríacos estão batendo Bonaparte – os tirolezes se sobressaíram.

Há um retrato meu a óleo para ser enviado para Newstead em breve. Eu gostaria que a senhorita Pigots tivesse algo melhor para fazer do que levar minhas miniaturas para Nottingham para tirar cópias. Agora que já fizeram isso, você pode pedir para copiarem os outros, que são mais apreciados do que os meus.

Quanto a questões de dinheiro, estou arruinado – pelo menos até que Rochdale seja vendida. E, se isso não der certo, entrarei para o serviço austríaco ou russo – talvez o turco, se eu gostar da conduta deles. O mundo está diante de mim, e deixo a Inglaterra sem arrependimento e sem desejo de visitar qualquer coisa daí, exceto você e sua residência atual. Acredite em mim, seu sempre, sinceramente.

Byron

P.S. Por favor, diga ao Sr. Rushton que o filho dele está bem, e indo bem; e Murray também, na verdade, melhor do que jamais o vi. Ele estará de volta em cerca de um mês. Devo acrescentar a saída de Murray aos meus poucos

17 - Porto na costa sul da Cornualha, Reino Unido.

arrependimentos, já que a idade dele talvez impeça que eu o veja novamente. Robert eu levo comigo. Eu gosto dele porque, como eu, ele parece um animal sem amigos.

Se eu me casar, vou levar para casa uma sultana com dez cidades de dote

Gibraltar, 11 de agosto de 1809.

Querida Mãe,

Estive tão ocupado desde a minha partida da Inglaterra que, até que eu pudesse me dirigir a você de forma mais longa, evitei completamente escrever. Como já passei por Portugal & por uma parte considerável da Espanha & tenho tempo livre neste lugar, vou tentar lhe dar alguns detalhes de meus movimentos. Navegamos de Falmouth no dia 2 de julho, chegamos a Lisboa depois de uma viagem muito favorável de quatro dias e meio e fizemos nossa estadia naquela cidade. Ela tem sido frequentemente descrita como não digna de descrição, pois, exceto a vista do Tejo, que é bonita, e algumas belas igrejas e conventos, contém poucas ruas sujas e com habitantes mais sujos ainda. Em compensação, a aldeia de Sintra, a cerca de quinze milhas da capital, talvez seja, em todos os aspectos, a mais deliciosa da Europa. Ela contém belezas de todo tipo, naturais e artificiais. Palácios e jardins se erguendo no meio de rochas; cataratas e precipícios; conventos em alturas estupendas – uma vista distante do mar e do Tejo; e, além disso (embora isso seja uma consideração secundária), é notável por ser o cenário da Convenção de Sir Hew Dalrymple¹⁸. Ele une em si toda a selvageria das terras altas ocidentais com o verde do sul da França.

Perto desse lugar, a cerca de dez milhas à direita, está o palácio de Mafra, o orgulho de Portugal, como poderia ser de qualquer outro país no que se refere à magnificência sem elegância. Há um convento anexo. Os monges, que possuem grandes rendimentos, são cortesões o suficiente & compreendem o latim, de modo que tivemos uma longa conversa: eles têm uma grande biblioteca, & me perguntaram se os ingleses tinham livros em seu país. Enviei minha bagagem & parte dos criados por mar para Gibraltar,

18 - Sir Hew Whitefoord Dalrymple (1750-1830) comandante das forças britânicas na Guerra Peninsular, assinou a Convenção de Sintra no palácio do Marquês de Marialva. (PROTHERO, 1898, p. 237).

e viajei a cavalo a partir de Aldea Galbega (a primeira etapa de Lisboa, que só é acessível por água) até Sevilha (uma das cidades mais famosas da Espanha) onde agora está o que o governo chamou de Junta.

A distância para Sevilha é de quase quatrocentas milhas, &, para Cádiz, quase noventa a mais em direção à costa. Eu tinha licenças dos governos & toda a acomodação possível na estrada, pois um nobre inglês de uniforme inglês é um personagem muito respeitável na Espanha no momento. Os cavalos são extremamente bons, e as estradas (garanto-lhe por minha honra, pois você dificilmente acreditará) muito superiores às melhores estradas inglesas, sem a mínima taxa ou estrada com pedágio. Você vai supor isso pelo tempo que eu cavalguei para Sevilha: quatro dias através deste país calorento no meio do verão, sem fadiga ou aborrecimento.

*Sevilha é uma bela cidade; embora as ruas sejam estreitas, são limpas. Ficamos na casa de duas senhoras espanholas solteiras, que possuem seis casas em Sevilha e me deram um exemplo curioso dos costumes espanhóis. São mulheres de caráter, e a mais velha é uma boa mulher. A mais nova é bonita, mas não tão boa quanto Donna Josephia. A liberdade de conduta, que é geral aqui, não me surpreendeu pouco; e, no decorrer de mais observação, tenho a impressão de que a reserva não é uma característica das belles espanholas, que são, em geral, muito bonitas, com grandes olhos negros e formas muito finas. A mais velha honrou o seu filho indigno com uma atenção muito especial, abraçando-o com grande ternura na separação (eu fiquei lá apenas três dias), depois de cortar uma mecha de seu cabelo & presenteá-lo com uma de seus próprios, de cerca de noventa centímetros, que eu envio, e peço que você guarde até meu retorno. As últimas palavras dela foram *Adios, tu hermoso! Me gusto mucho* – “Adeus, belo amigo, você me agrada muito.” Ela me ofereceu um cômodo de seu apartamento, que minha virtude me induziu a recusar; ela riu e disse que eu tinha alguma amante inglesa, e acrescentou que ia se casar com um oficial do exército espanhol.*

Sai de Sevilha e fui para Cádiz, através do belo país. Em Xerez, onde é feito o vinho xerez que bebemos, conheci um grande comerciante – um Sr. Gordon da Escócia – que era extremamente educado e me honrou com uma vistoria a seus depósitos & adegas, de modo que eu bebi na fonte.

Cádiz, doce Cádiz, é a cidade mais encantadora que já vi, muito diferente das nossas cidades inglesas em todos os aspectos, exceto a limpeza (é tão limpa quanto Londres), mas ainda assim bela e cheia das mulheres mais encantadoras da Espanha, as belles de Cádiz sendo as bruxas de Lancashire¹⁹ de sua terra. Logo que fui apresentado e comecei a gostar dos nobres, fui forçado a deixá-la para este maldito lugar; mas antes de voltar para a Inglaterra, vou visitá-la novamente.

Na noite anterior à minha partida, sentei no camarote da ópera com a família do Almirante Córdova. Ele é o comandante que o Lorde de São Vicente derrotou em 1797, e tem uma esposa idosa e uma bela filha, senhorita Córdova. A menina é muito bonita, no estilo espanhol. Na minha opinião, não inferior às inglesas em encantos, e certamente superior em fascínio. Cabelos longos e negros, olhos escuros e lânguidos, pele cor de oliva clara e formas mais graciosas em movimento do que pode imaginar um inglês acostumado ao ar sonolento e apático de suas camponesas, somado ao vestido mais apropriado &, ao mesmo tempo, mais decente do mundo, tornam uma beleza espanhola irresistível. Peço licença para observar que a traição aqui faz parte da vida. Quando uma mulher se casa, ela deixa de lado toda a inibição, mas acredito que, antes disso, a conduta delas é recatada o bastante. Se você fizer uma proposta para uma espanhola, o que na Inglaterra resultaria em uma bofetada na orelha vinda da mais dócil das virgens, ela agradece a honra que você dá a ela e responde: “Espere até que eu esteja casada, & ficarei muito feliz”. Isto é literalmente & absolutamente verdadeiro.

Senhorita Córdova & seu irmãozinho compreendiam um pouco de francês, e, depois de lamentar minha ignorância em espanhol, ela se propôs a tornar-se minha preceptora nessa língua. Só consegui responder com uma reverência e expressar o meu arrependimento por ter saído de Cádiz cedo demais para me permitir fazer o progresso que, sem dúvida, auxiliaria os meus estudos sob a orientação de uma diretora tão charmosa. Eu estava em pé na parte de trás do camarote, que se assemelha aos nossos camarotes de ópera (o teatro é grande e finamente decorado; a música, admirável), da maneira que

19 - Conf. The Lancashire witches em <http://www.gutenberg.org/files/15493/15493-h/15493-h.htm>.

os ingleses geralmente ficam, por medo de incomodar as senhoras na frente, quando esta justa espanhola desalojou uma idosa (tia ou governanta) da sua cadeira e ordenou que eu me sentasse ao lado dela, a uma distância razoável de sua mãe. No final da apresentação, me retirei e fiquei recostado com um grupo de homens na passagem, quando, *en passant*, a dama voltou-se e me chamou, & tive a honra de acompanhá-la até a mansão do almirante. Tenho um convite no meu regresso a Cádiz, que aceitarei se eu atravessar novamente o país no meu regresso da Ásia²⁰.

Conheci Sir John Carr, Cavaleiro andante, em Sevilha & Cádiz. Ele é um homem agradável. Eu gosto muito dos espanhóis. Você já ouviu falar da batalha, perto de Madrid, & na Inglaterra eles chamariam isso de vitória – uma bela vitória! Duzentos oficiais e cinco mil homens mortos, todos ingleses, e os franceses com a força poderosa de sempre. Eu deveria ter me juntado ao exército, mas não temos tempo a perder antes de subirmos o Mediterrâneo & o Arquipélago. Vou para a África amanhã; fica a apenas seis milhas desta fortaleza. Minha próxima etapa é Cagliari, na Sardenha, onde vou ser apresentado à Sua Majestade. Eu tenho um uniforme bastante luxuoso como traje de gala, indispensável ao viajar.

13 de agosto – Eu ainda não fui à África – o vento está desfavorável – mas jantei ontem em Algeciras com Lady Westmorland, onde conheci o General Castanos, o célebre líder espanhol da última & da atual guerra. Hoje janto com ele. Ele me ofereceu cartas para Tétuan, na Barbária, para os mouros mais importantes, & vou ter por alguns dias à casa de um dos grandes homens, que estava destinada a Lady W., cuja saúde não permitirá que ela atravesse o estreito.

15 de agosto – Não pude jantar com Castanos ontem, mas esta tarde tive a honra. Ele é agradável &, não sei nada ao contrário, inteligente. Não posso ir à Barbária. O pacote de Malta parte amanhã & eu vou nele.

20 - Prothero (1898, p.240) apresenta trechos da obra *Memoranda*, nos quais Byron faz alusões a essas aventuras na Espanha: “Por algum tempo continuei, com êxito, tanto como linguista quanto como amante, até que a senhora se interessou um anel que eu usava e quis que eu o desse a ela como garantia de minha sinceridade. Isso não! Qualquer coisa estava à sua disposição, menos o anel, dizia eu, e de valor muito maior, mas o anel eu fiz uma promessa de nunca doar.” A jovem espanhola ficou brava quando a contenda prosseguiu, e não demorou muito para que o amante também se aborrecesse. Até que, finalmente, o caso terminou com a separação. “Logo depois disso, eu naveguei para Malta e, de lá, parti com meu coração e meu anel”.

Almirante Purvis, com quem jantei em Cádiz, me deu uma passagem em uma fragata para Gibraltar, mas não temos nenhum navio de guerra destinado a Malta atualmente. Os paquetes navegam rápido & têm boas acomodações. Você vai ouvir de mim em nosso percurso. Joe Murray entrega esta carta; enviei ele & o menino de volta. Por favor, seja boa com o rapazinho, pois ele é meu grande favorito; eu o teria levado, mas você sabe que garotos não estão seguros entre os turcos. E diga isto ao pai dele, senão ele pode pensar que ele se comportou mal. Espero que esta carta a encontre bem. Acredite em mim, seu sempre sinceramente,

Byron.

P.S. Então o Lorde Grey está casado com uma rústica, bem feito! Se eu me casar, vou levar para casa uma sultana com dez cidades de dote e conciliar você com uma nora otomana com um alqueire de pérolas não maiores do que ovos de avestruz ou menores que nozes.

Logo estarei entre os mulçumanos

Malta, 15 de setembro de 1809.

Querida Mãe,

Embora eu tenha pouco tempo de sobra, tendo que navegar imediatamente para a Grécia, não posso deixar de aproveitar a oportunidade de lhe dizer que estou bem. Estive por pouco tempo em Malta, & achei os habitantes hospitaleiros e agradáveis. Esta carta está sob os cuidados de uma mulher super extraordinária, da qual você certamente já ouviu falar, a Sra. Spencer Smith, sobre cuja fuga o Marquês de Salvo publicou uma narrativa há alguns anos²¹. Desde então ela afundou, e a vida dela tem sido, desde o começo, tão cheia de incidentes extraordinários que em um romance pareceriam improváveis.

Ela nasceu em Constantinopla, onde seu pai, o barão Herbert, era embaixador austríaco; casou infeliz, porém, nunca foi criticada em termos de caráter. Incitou a vingança de Bonaparte por participar de conspiração. Várias vezes arriscou a vida, & ainda não tem nem vinte e cinco anos. Ela está aqui, a caminho da Inglaterra, para se juntar ao marido, obrigada a deixar Trieste, onde visitava a mãe, por causa da aproximação dos franceses, e logo embarca em um navio de guerra.

Desde a minha chegada aqui, quase não tive outra companhia. Achei-a muito bonita, muito realizada e extremamente excêntrica. Bonaparte está tão irritado com ela no momento, que sua vida estaria em perigo se ela fosse tomada prisioneira pela segunda vez. A esta altura, você já viu Murray e Robert e recebeu a minha carta. Pouco aconteceu desde aquela data. Passei por Cagliari, na Sardenha, e por Agrigento, na Sicília, e embarco amanhã

21 - Prothero (1898, p. 245) aponta que a obra em questão é *Travels in the year 1806 from Italy to England (1807)*, na qual consta que a Sra. Spencer Smith era filha do embaixador austríaco em Constantinopla e esposa de Spencer Smith, ministro britânico em Stuttgart. Em 1805, estava hospedada, por motivos de saúde, nos banhos de Valdagno, quando as guerras napoleônicas se espalharam pelo norte da Itália, e se refugiou com a irmã em Veneza.

para Patras, de onde procedo para Janina, onde Ali Paxá²² mantém sua corte. Assim, logo estarei entre os muçulmanos. Adêu acredite em mim com sinceridade,

seu sempre,
Byron.



Mapa da jornada de ida da primeira *grand tour* de Byron.

Disponível em: https://www.romanticpoets.org/public_html/p5/biographies/lb15_voyage.htm?fbclid=IwAR1ROQ_kFkZCHttReBUxfixu-GCwKjs4UjNJ-qDi61JmXJH-msK8fIuVYIetc

22 - Denominação dada entre os turcos aos governadores de províncias do Império Otomano.

Fletcher gritou pela esposa, os gregos chamaram todos os santos, os mulçumanos a Alá...

Preveza²³, 12 de novembro de 1809.

Minha querida Mãe,

*Agora já estou há algum tempo na Turquia. Este lugar fica na costa, mas atravessei o interior da região da Albânia em uma visita ao Paxá. Saí de Malta no *Spider*, um navio de guerra, no dia 21 de setembro, & cheguei em Preveza depois de oito dias. De lá, foram cerca de 150 milhas até Tepelene, o palácio do país de Sua Alteza, onde fiquei três dias. O nome do Paxá é Ali²⁴ & ele é considerado um homem de habilidades fundamentais: ele governa toda a Albânia (a antiga Ilíria), Epiro & parte da Macedônia. Seu filho, *Velly* Paxá, a quem ele me deu cartas para entregar, governa a Moreia e tem grande influência no Egito; em suma, ele é um dos homens mais poderosos do império otomano.*

Quando cheguei a Janina, a capital, depois de uma viagem de três dias pelas montanhas, através de um país da mais pitoresca beleza, descobri que Ali Paxá estava com seu exército em Ilíria, cercado Ibrahim Paxá no castelo de Berati. Ele tinha ouvido dizer que um inglês de classe estava em seus domínios & havia deixado ordens com o comandante em Janina para providenciar uma casa & me abastecer grátis de tudo que fosse necessário; &, embora me tenha sido permitido dar presentes aos escravos, &c., não me foi permitido pagar por um único artigo de consumo doméstico.

23 - Unidade regional da Grécia.

24 - Ali Paxá (1741-1822) nasceu na Albânia, em Tepelene, uma cidade 75 milhas ao norte de Janina, da qual o pai dele era governador. Este “Bonaparte Maometano” ou “Rob Roy da Albânia” se tornou governante supremo do Epiro e da Albânia (...). Tirano implacável e sem escrúpulos, também era um bom soldado e um administrador nato. Tramando ora com a Porte, ora com Bonaparte, ora com os ingleses, usando os déspotas rivais do país um contra o outro, e unido com os salteadores ao mesmo tempo em que comandava a polícia para a eliminação deles, expandiu seu poder ao usar interesses conflitantes para engrandecer a si mesmo. (PROTHERO, 1898, p. 247)

Cavalguei nos cavalos do vizir & vi os palácios dele & de seus netos: são esplêndidos, mas exageradamente ornados com seda & ouro. Passei então pelas montanhas através de Zitza, uma vila com um mosteiro grego (onde dormi no meu regresso), no lugar mais belo (sempre com exceção de Sintra, em Portugal) que eu já vi. Em nove dias cheguei a Tépelene. Nossa viagem foi muito prolongada devido às torrentes que haviam caído das montanhas & interceptaram as estradas. Jamais esquecerei a cena singular ao entrar Tépelene, às cinco da tarde, à medida que o sol ia se pondo. Isso me trouxe à mente (com alguma mudança nos trajes, no entanto) a descrição de Scott²⁵ sobre o Castelo Branksome, em seu Lay, & o sistema feudal.

Os albaneses com suas vestimentas (as mais magníficas do mundo, constituídas por um longo saiote branco, uma capa trabalhada a ouro, uma jaqueta & um colete de veludo vermelho com ornamentos dourados, pistolas de prata & punhais), os tártaros com suas capas altas, os turcos com suas vastas peliças & turbantes, os soldados & escravos negros com os cavalos, os primeiros em grupos em uma imensa galeria aberta em frente ao palácio, os últimos colocados abaixo em uma espécie de claustro, duzentos corcéis prontos, equipados para mover-se a qualquer instante, os mensageiros entrando ou passando para o lado de fora com os despachos, os tambores batendo, os rapazes avisando a hora da torre da mesquita, junto com a aparência singular da construção em si, formavam um espetáculo novo & delicioso para um estrangeiro. Fui conduzido a um apartamento muito bonito, & minha saúde foi averiguada depois pelo secretário do vizir, “a-la-mode Turque”!

No dia seguinte, fui apresentado a Ali Paxá. Eu estava vestido com um uniforme completo da equipe, com um sabre²⁶ magnífico, & c. O vizir me recebeu em uma sala enorme pavimentada com mármore, uma fonte estava jorrando no centro e o aposento estava rodeado por otomanos escarlates. Ele me recebeu de pé, um elogio maravilhoso por parte de um muçulmano, & me fez sentar à sua direita. Eu tenho um intérprete grego de uso geral, mas um médico de Ali chamado Femlario, que fala & entende latim, atuou

25 - Sir Walter Scott, romancista histórico inglês.

26 - Espada de lâmina curva.

para mim nessa ocasião. Sua primeira pergunta foi por que, com tão pouca idade, eu deixei o meu país (os turcos não têm ideia sobre o que é viajar por diversão). Ele então falou que o ministro inglês, capitão Leake²⁷, lhe disse que eu era de uma família importante & desejou suas saudações à minha mãe, que eu agora, em nome de Ali Paxá, apresento a você.

Ele disse que tinha certeza de que eu era um homem de berço porque eu tinha orelhas pequenas, cabelos ondulados & mãos brancas pequenas, e se mostrou satisfeito com a minha aparência & roupa. Ele me disse para considerá-lo como um pai enquanto eu estivesse na Turquia, & disse que me via como filho. Na verdade, ele me tratava como uma criança, me enviando amêndoas & *sherbet*²⁸ açucarados, frutas & doces vinte vezes por dia. Me pedia para visitá-lo muitas vezes, e à noite, quando estava de folga. Então, depois de café & cachimbos, me afastei pela primeira vez. Eu o vi três vezes depois. É singular que os turcos, que não têm dignidades hereditárias & poucas famílias grandes, exceto os sultões, tenham tanto respeito à origem familiar, pois achei meu pedigree mais respeitado do que meu título.

Sua alteza tem sessenta anos, muito gordo & não alto, mas com um rosto fino, olhos azuis claros & uma barba branca; sua maneira é muito amável, e, ao mesmo tempo, possui aquela dignidade que eu acho universal entre os turcos. Ele tem a aparência de qualquer coisa, menos do seu temperamento real, pois é um tirano sem remorsos, culpado das mais horríveis crueldades, muito corajoso & tão bom general que o chamam de Bonaparte maometano. Napoleão se ofereceu duas vezes para torná-lo rei do Epiro, mas ele prefere o interesse inglês & abomina os franceses, como ele próprio me disse. Ele é tão importante, que é muito cortejado por ambos, sendo os albaneses os súditos mais guerreiros do sultão, embora Ali seja apenas nominalmente dependente da Porte; ele tem sido um guerreiro poderoso, mas é tão bárbaro quanto bem-sucedido, assando rebeldes, &c., &c. Bonaparte enviou a ele uma caixa de rapé com seu retrato. A caixa de rapé estava ótima, disse ele, mas, sobre o retrato, que ele o desculpasse, pois não gostou

27 - William Martin Leake (1777-1860), representante da Grã-Bretanha em Preveza, ou Janina, até 1810. Em 1808, foi enviado pelo governo britânico com provisões de artilharia, carregamentos e foguetes Congreve para Ali, Paxá da Albânia. (PROTHERO, 1889, p. 250-251)

28 - Bebida feita de xarope de frutas diluído ou suco, tradicional no Oriente Médio.

nem dele nem do original. Suas ideias de julgar o berço de um homem pelas orelhas, mãos, & c., eram bastante curiosas. Para mim, ele era, de fato, um pai, dando-me cartas, guardas & todas as acomodações possíveis. Nossas conversas seguintes foram sobre guerra & viagem, política & Inglaterra. Ele chamou o soldado albanês que me serve e disse a ele para me proteger de todos os perigos. O nome dele é Viseillie, &, como todos os albaneses, é bravo, rigidamente honesto & fiel; mas eles são cruéis, embora não traiçoeiros, & têm vários vícios, mas não são mesquinhos.

Talvez eles sejam a mais bela raça do mundo em termos de semblante. Às vezes suas mulheres são bonitas também, mas são tratadas como escravas, açoitadas, &, em suma, são completos animais de carga; elas aram, cavam & semeiam. Eu as encontrei carregando madeira & efetivamente reformando as estradas. Os homens são todos soldados, & a guerra & a perseguição suas únicas ocupações. As mulheres são as trabalhadoras, o que, afinal, não é grande dificuldade em um clima tão agradável.

Ontem, 11 de novembro, me banhei no mar. Hoje está tão quente que estou escrevendo numa sala do cônsul inglês, na sombra, com três portas abertas, sem fogo ou mesmo lareira na casa, exceto para fins culinários. Os albaneses (...rasuras...) Hoje vi os destroços da cidade de Accio, perto da qual Antônio perdeu o mundo numa pequena baía, onde duas fragatas dificilmente poderiam manobrar: uma parede quebrada é o único resquício. Em outra parte do golfo estão as ruínas de Nicópolis, construídas por Augusto em honra de sua vitória. Ontem à noite, estive em um casamento grego, mas isso & mil coisas mais não tenho nem tempo nem espaço para descrever.

Vou amanhã, com uma guarda de cinquenta homens, a Patras, na Moreia, &, de lá, para Atenas, onde vou passar o inverno. Há dois dias, quase desapareci em um navio turco de guerra devido à incompetência do capitão & da tripulação, embora a tempestade não fosse violenta. Fletcher gritou pela esposa, os gregos chamaram todos os santos, os muçulmanos a Alá. O capitão explodiu em lágrimas e correu convés abaixo, nos dizendo para clamar a Deus; as velas estavam divididas, o pátio principal tremia, o vento soprava forte, a noite se instalava e toda a nossa chance era chegar a Corfu, que está em posse dos franceses, ou (como Fletcher pateticamente

denominou) “uma sepultura aguosa”. Fiz o que podia para consolar Fletcher, mas, percebendo-o irremediável, me enrolei no meu capote albanês (uma capa imensa) & me deitei no convés para esperar o pior.

Aprendi a filosofar em minhas viagens; &, se não o tivesse, qualquer reclamação seria inútil. Felizmente, o vento diminuiu & só nos levou até a costa de Souli, na região principal, onde desembarcamos & prosseguimos, com a ajuda dos nativos, até Preveza novamente, mas não confiarei nos marinheiros turcos no futuro, embora o Paxá tenha mandado uma de suas próprias galeotas para me levar a Patras. Estou indo, portanto, até Mesolóngi por terra, & só tenho que atravessar um pequeno golfo para chegar a Patras.

A próxima epístola de Fletcher será cheia de maravilhas. Ficamos uma noite perdidos por nove horas nas montanhas, em meio a uma tempestade com trovões, & antes quase naufragados. Em ambos os casos, Fletcher ficou extremamente perturbado, desde o medo da fome & de bandidos, no primeiro, a afogar-se, no segundo caso. Seus olhos ficaram um pouco machucados pelos relâmpagos ou por chorar (não sei qual), mas agora estão recuperados.

Quando você escrever, enderece a mim no Sr. Strané, cônsul inglês, Patras, Moreia. Posso dizer que não tenho nem ideia de quantos episódios eu acho que iriam entreter você, mas eles enchem minha cabeça na mesma proporção em que iriam encher o papel, & eu não consigo nem organizá-los em um, nem colocá-los um após o outro, sem fazer a maior confusão & com minha letra horrível de sempre.

Eu gosto muito dos albaneses, não são todos otomanos, algumas tribos são cristãs. Mas a religião deles faz pouca diferença em sua maneira ou conduta. Eles são considerados as melhores tropas do serviço turco. Eu vivi, na minha rota, dois dias uma vez & três dias em outra em um barracão em Salora & nunca encontrei soldados tão razoáveis, embora eu tenha estado nas guarnições de Gibraltar & Malta & tenha visto muitas tropas espanholas, francesas, sicilianas & britânicas. Eu não tive nada roubado & era convidado a me servir das provisões & do leite deles.

Há menos de uma semana, um chefe albanês (cada aldeia tem seu chefe, que é chamado Primaz), depois de nos ajudar a sair da galé turca em perigo, nos alimentar & hospedar minha comitiva, composta por Fletcher, um grego, dois atenienses, um padre grego e o meu companheiro, o Sr. Hobhouse, recusou qualquer compensação, apenas um documento escrito declarando que fui bem recebido, &, quando eu o pressionei para aceitar alguns sequins²⁹, “não”, ele respondeu “quero que você goste de mim, não que me pague”. Estas são as palavras dele. É surpreendente até que ponto o dinheiro dura neste país. Enquanto eu estava na capital, não tive que pagar nada, por ordem do vizir. Mas, embora eu tenha geralmente dezesseis cavalos & seis ou sete homens, a despesa não tem sido metade do que era ao permanecer apenas três semanas em Malta, apesar de Sir A. Ball, o governador, ter me dado uma casa em troca de nada & eu ter apenas um criado.

A propósito, espero que Hanson faça remessas regularmente, pois não vou ficar nesta província para sempre. Que ele me escreva junto ao Sr. Strané, cônsul inglês, Patras. O fato é que a fertilidade das planícies é maravilhosa, & o dinheiro em espécie é escasso, o que causa essa notável baixa de preços. Estou indo para Atenas estudar o grego moderno, que difere muito do antigo, embora radicalmente semelhante. Não tenho vontade de voltar à Inglaterra, e nem devo, a não ser que seja compelido por uma necessidade absoluta & pela negligência de Hanson; mas não entrarei na Ásia por um ano ou dois, pois tenho muito para ver na Grécia, & talvez possa atravessar a África, pelo menos a parte egípcia. Fletcher, como todos os ingleses, está muito insatisfeito, embora um pouco reconciliado com os turcos por causa de um presente de oitenta piastras³⁰ do vizir, que, se você considerar tudo, & o valor do dinheiro em espécie aqui, vale quase dez guinéus ingleses. Ele não sofreu nada além de frio, calor & vermes, algo que todos os que se deitam em casas de campo & atravessam montanhas em um país frio devem sofrer, & que eu também passei com ele próprio; mas ele não é valente, tem medo de ladrões & tempestades. Não tenho ninguém para ser

29 - Moedas de ouro.

30 - Moeda de prata.

lembrado na Inglaterra, & não quero ouvir nada de lá, exçeto que você está bem & uma ou duas cartas sobre negócios de Hanson, a quem você pode dizer para escrever. Escreverei quando puder & peço que acredite em mim,

*seu afetuoso filho,
Byron.*

P.S. Eu tenho algumas vestes albanesas muito “magnifiques”, os únicos artigos caros neste país. Elas custam cinquenta guinéus cada & têm tanto ouro que na Inglaterra custariam duzentos. Fui apresentado a Hussein Bey & Mahmout Paxá, ambos meninos, netos de Ali, em Janina; eles são totalmente diferentes de nossos rapazes, têm a pele pintada como viúvas com ruge, grandes olhos negros & características perfeitamente regulares. Eles são os animaizinhos mais bonitos que eu já vi, & já são iniciados nas cerimônias da corte. A saudação turca é uma ligeira inclinação da cabeça, com a mão no coração; os íntimos sempre se beijam. Mahmout tem dez anos & espera me ver de novo; somos amigos sem nos entendermos, como muitas outras pessoas, embora por uma causa diferente. Ele me deu uma carta para levar ao pai dele na Moreia, para quem também tenho cartas de Ali Paxá.

A Grécia é encantadora

Esmirna, 19 de março de 1810.

Querida mãe,

Não posso lhe escrever uma carta longa, mas, como eu sei que você não vai ficar desanimada em receber qualquer notícia sobre meus movimentos, peço que aceite o que eu posso dar. Eu atravessei a maior parte da Grécia, além do Epiro, e Etólia, & c., residi dez semanas em Atenas e estou agora no lado asiático, a caminho de Constantinopla. Acabo de voltar de uma vista às ruínas de Éfeso, a um dia de viagem de Esmirna³¹. Presumo que tenha recebido uma longa carta que escrevi da Albânia, com um relato da minha recepção pelo Paxá da Província. Quando eu chegar a Constantinopla, decidirei se devo prosseguir para a Pérsia ou voltar, o que não quero, se puder evitar. Mas não tenho nenhuma informação do Sr. Hanson, e apenas uma carta sua. Vou precisar de remessas quer eu continue ou volte. Escrevi a ele repetidas vezes, assim, ele não pode alegar ignorância sobre a minha situação por esquecimento. Não posso dar conta de nada a você, pois não tenho tempo nem oportunidade, a fragata partirá imediatamente. Na verdade, quanto mais eu ando, mais minha preguiça aumenta, e minha aversão à escrita de cartas se confirma mais. Não escrevi a ninguém, a não ser a você e ao senhor Hanson, e essas são comunicações de negócios e dever, e não por disposição. Fletcher está muito enjoado com as fadigas dele, embora não tenha passado por nada que eu também não tenha. Ele é uma pobre criatura. Na verdade, os criados ingleses são viajantes detestáveis. Tenho, além dele, dois soldados albaneses e um intérprete grego, todos excelentes à sua maneira. A Grécia, especialmente nas proximidades de Atenas, é encantadora, céu sem nuvens e belas paisagens. Mas devo reservar todo o relato de minhas aventuras até nos encontrarmos. Não mantenho nenhum diário, mas meu amigo Hobhouse rabisca incessantemente. Peço que cuide

31 - Em Esmirna, foram concluídos os dois primeiros cantos de *Childe Harold*, uma das obras mais famosas de Byron. (PROTHERO, 1898, p. 257)

de Murray e Robert, e diga ao garoto que a melhor coisa que aconteceu a ele foi não ter me acompanhado para a Turquia. Considere esta como um mero aviso de minha segurança, e acredite em mim,

*Seu, & c., & c.,
Byron.*

P.S. Se você endereçar para Malta, suas cartas serão entregues.

Não sou “boa alma”, e nem ateu

Esmirna, 9 de abril de 1810.

Querida Mãe,

Eu sei que você ficará feliz em saber sobre mim: gostaria de poder dizer que estou igualmente encantado em escrever. No entanto, não há grande perda em meus rabiscos, exceto para os fabricantes de malas postais, que, eu suponho, vão pegar tudo em breve. Ninguém, a não ser você, me pergunta sobre o meu credo – o que sou, não sou, etc., etc. Se eu começasse a explicar, Deus sabe que partes eu deveria omitir; Por isso, não vamos falar mais sobre isso, por favor. Não sou nenhuma “boa alma”, e nem ateu, mas um cavalheiro inglês, eu espero, que ama a sua mãe, a humanidade e seu país. Eu não tenho tempo para escrever mais no momento, e imploro que acredite em mim,

sempre seu, etc.,

Byron.

P.S. As senhoritas estão esperando ansiosamente por minha chegada e contribuições para suas fofocas e rimas, que são quase tão ruins quanto possível? B.

Esperando ansiosamente

Esmirna, 10 de abril de 1810.

Querida Mãe,

Amanhã, ou hoje à noite, velejo para Constantinopla na fragata Salsette, de trinta e seis canhões. Ela retorna à Inglaterra com o nosso embaixador, a quem ela vai no propósito de receber. Escrevi a você cartas curtas de Atenas, Esmirna & uma longa da Albânia. Eu ainda não criei coragem para escrever uma segunda epístola grande, e você não deve ficar zangada, pois aproveito todas as oportunidades para informá-la sobre minha segurança. Mas até isso é um esforço, escrever é tão irritante. Atravessei a Grécia, Epiro, Ilíria, &c, &c, e você vê, pela minha data, que cheguei à Ásia. Fiz apenas uma excursão ultimamente às ruínas de Éfeso.

Malta é o ponto de encontro das minhas cartas, então, enderece-as àquela ilha. O Sr. Hanson não escreveu, embora eu quisesse saber sobre a venda de Norfolk³², o processo de Lancashire, &c, &c, estou esperando ansiosamente por novas remessas. Acredito que você gostará de Nottinghamshire, pelo menos da minha parte dela³³. Peço que aceite meus bons votos em vez de uma longa carta, e acredite em mim,

*sinceramente
& afetosamente,
Byron.*

32 - Norfolk e Lancashire eram propriedades herdadas por ele do tio-avô. (PROTHERO, 1898, p. 261)

33 - Provavelmente uma alusão ao fato de sua mãe ter saído de Burgage Manor, sua residência anterior, e ido morar na abadia de Newstead, situada em Nottinghamshire. (*ibidem*)

Tudo o que resta de Tróia são os túmulos de seus destruidores

Fragata Salsette, nos arredores de Dardanelos, 17 de abril de 1810.

Cara senhora,

Escrevo atracado (a caminho de Constantinopla) fora de Trôade, que atravessei há dez dias. Tudo o que resta de Tróia são os túmulos de seus destruidores, entre os quais vi o de Antíloco da janela de minha cabine. São grandes montes de terra, como os túmulos dos dinamarqueses em sua ilha. Há vários monumentos, a cerca de doze milhas de distância de Alexandria da Trôade, que eu também analisei, mas de modo algum se compam com os remanescentes de Atenas & Éfeso. Esta carta será enviada em um navio de guerra, junto com despachos para Malta. Em poucos dias, estaremos em Constantinopla, se não houver incidentes. Escrevi também de Esmirna, &, de vez em quando, transmitirei relatos curtos de meus movimentos, mas me sinto totalmente desmotivado para cartas longas. acredite em mim,

seu muito sinceramente,

Byron.

P.S. Nenhuma conta de Hanson!!! Não reclame de cartas curtas; eu não escrevo para mais ninguém além de você e do Sr. H.

Atravessei o Helesponto

Constantinopla, 18 de maio de 1810.

Cara Senhora,

Cheguei aqui em uma fragata inglesa vinda de Esmirna há poucos dias, sem qualquer acontecimento digno de menção, exceto desembarcar para ver as planícies de Tróia, e, depois, quando estávamos ancorados em Dardanelos, nadar de Sestos para Abidos, à imitação de Monsieur Leandro³⁴, cuja história você, sem dúvida, sabe bem demais para que eu acrescente qualquer coisa sobre o assunto, exceto que atravessei o Helesponto sem um motivo tão bom para a empreitada. Como estou saindo agora para visitar o Capitão-Paxá, você vai desculpar a brevidade da minha carta. Quando o Sr. Adair sair, vou ver o Sultão & as mesquitas, &c. Acredite em mim,

*seu sempre,
Byron.*

34 - Personagem da mitologia grega que atravessava o Helesponto a nado para encontrar-se com sua amada Hero, sacerdotisa de Afrodite.

Um retrato meu a óleo feito por Sanders

Constantinopla, 24 de maio de 1810.

Querida Mãe,

Escrevi a você brevemente outro dia, quando da minha chegada aqui. E, como outra oportunidade se aproveita, pego de novo a minha caneta, para que a frequência das minhas cartas possa atenuar a brevidade delas. Você já recebeu um retrato meu a óleo feito por Sanders em Vigo Lane, Londres? (Um pintor notável); Se não, escreva imediatamente; Ele foi pago, exceto a moldura (se houver moldura), antes de eu deixar a Inglaterra. Acredito que mencionei a você em minha última carta que minha única proeza notável ultimamente foi nadar de Sestos a Abidos em humilde imitação a Leandro, de memória amorosa, embora eu não tivesse Hero nenhuma para me receber na outra margem do Helesponto. De Constantinopla, obviamente você leu cinquenta descrições de diversos viajantes, que são, em geral, tão corretas que não tenho nada a acrescentar sobre o assunto.

Quando nosso embaixador sair, vou acompanhá-lo para ver o Sultão, e depois, provavelmente, retornarei à Grécia. Eu não ouvi nada do Sr. Hanson, exceto uma remessa sem qualquer carta daquele homem da lei. Se você tiver necessidade de qualquer provimento em dinheiro, use meus fundos, tanto quanto eles durarem, sem reserva; e, com receio de que não haja suficiente, em minha próxima carta ao Sr. H. vou instruí-lo a adiantar qualquer soma que você queira, deixando a seu critério quanto, no estado atual de meus negócios, você possa achar apropriado pedir. Já vi a parte mais interessante da Turquia na Europa e Ásia Menor, mas não seguirei adiante até ouvir da Inglaterra. Enquanto isso, esperarei suprimentos ocasionais, de acordo com as circunstâncias, e passarei o verão entre os meus amigos, os gregos da Moreia. Você vai endereçar para Malta, de onde minhas cartas são enviadas. E acredite em mim, com grande sinceridade,

*seu sempre,
Byron.*

P.S. Fletcher está bem. Peço que cuide do meu garoto Robert e do velho Murray. É uma sorte que eles retornaram; nem a juventude de um nem a idade avançada do outro teriam se adaptado às mudanças de clima e à fadiga de viajar.

Nosso primeiro dever é não fazer o mal; mas, que pena! Isso é impossível

Constantinopla, 28 de junho de 1810.

Minha querida Mãe,

Lamento perceber, pela sua última carta, que várias das minhas não chegaram, particularmente uma muito longa escrita em novembro último na Albânia, onde eu estava em uma visita ao Paxá daquela província. Fletcher também escreveu para a esposa incessantemente. O Sr. Hobhouse, que encaminhará ou entregará esta carta e está em retorno à Inglaterra, pode informá-la de nossos diferentes movimentos, mas estou muito incerto quanto a meu próprio retorno. Ele provavelmente estará em Notts uma hora ou outra; mas Fletcher, a quem eu mando de volta como um fardo (empregados ingleses são viajantes tristes), suprirá o lugar dele no ínterim e descreverá nossas viagens, que têm sido toleravelmente extensas.

Escrevi duas vezes brevemente desta capital, de Esmirna, de Atenas e de outras partes da Grécia; da Albânia, cujo Paxá da província enviou suas reverências à minha mãe, e disse que tinha certeza de que eu era um homem de berço porque eu tinha orelhas pequenas, cabelos ondulados e mãos brancas!!! Ele foi muito gentil comigo, me pediu para considerá-lo como um pai e me deu uma guarda de quarenta soldados pelas florestas de Acarnânia. Mas sobre esta e outras circunstâncias eu lhe escrevi bastante, e ainda espero que você receba minhas cartas.

Lembro que Mahmout Paxá, o neto de Ali Paxá, em Janina (um camaradinho de dez anos de idade, com grandes olhos negros, que nossas senhoras comprariam a qualquer preço, e aquelas características regulares que distinguem os turcos) me perguntou como eu saí a viajar tão jovem, sem ninguém para cuidar de mim. Esta questão foi colocada pelo homenzinho com toda a seriedade dos sessenta anos. Não posso escrever copiosamente agora, só tenho tempo para lhe dizer que passei por momentos muito fatigantes, mas nunca entediantes, e tudo o que temo é que eu adquira uma

tendência nômade de cigano, que fará o lar cansativo para mim. Isso, me disseram, é muito comum em homens com o hábito de peregrinação, e, na verdade, eu me sinto assim.

No dia 3 de maio, eu nadei de Sestos para Abidos. Você conhece a história de Leandro, mas eu não tive nenhuma Hero para me receber na chegada à beira. Também passei quinze dias na Trôade. Os túmulos de Aquiles & Æsyetes ainda existem em grandes montes, semelhantes aos que, sem dúvida alguma, você viu no Norte. Outro dia estive em Belgrado (uma aldeia nesses arredores) para ver a casa construída no mesmo local da de Lady Mary Wortley³⁵. A propósito, sua senhoria, até onde eu posso julgar, mentiu, mas nem metade do que qualquer outra mulher teria feito na mesma situação. Estive em todas as principais mesquitas em virtude de uma autorização real: este é um favor raramente permitido aos não crentes, mas a saída do embaixador obteve-a para nós. Fui até o Bósforo, no Mar Negro, ao redor das muralhas da cidade, e, na verdade, eu conheço mais dela de vista do que Londres. Espero entretê-la uma noite de inverno com os pormenores, mas neste momento você deve me desculpar, não consigo escrever cartas longas em júnho. Volto para passar o verão na Grécia. Eu escrevo frequentemente, mas você não deve se alarmar quando não receber minhas cartas. Considere que não temos um posto regular mais distante do que Malta, para onde eu peço que, no futuro, envie suas cartas, e não para esta cidade.

Fletcher é uma pobre criatura, e exige confortos que eu posso dispensar. Ele está muito cansado das viagens, mas você não deve acreditar na descrição dele sobre o país. Ele suspira por cerveja, por ociosidade, por uma esposa e o diabo sabe pelo que mais. Eu não fiquei desapontado ou aborrecido. Tenho vivido com os mais altos e os mais baixos. Estive por dias em um palácio de Paxá, passei muitas noites em uma espelunca e acho as pessoas inofensivas e amáveis. Também passei algum tempo com os gregos mais importantes na Moreia & Livadia, e, embora inferiores aos turcos, eles são melhores que os espanhóis, que, por sua vez, superam os portugueses.

35 - Lady Mary Wortley Montagu (1689 – 1762), aristocrata, poetisa e escritora inglesa.

De Constantinopla você vai encontrar muitas descrições em viagens diferentes, mas Lady Mary Wortley erra estranhamente quando diz que “St. Paul’s é inferior em relação a St. Sophia’s”. Eu estive em ambas, averiguei por dentro & por fora com atenção. St. Sophia é sem dúvida a mais interessante por sua imensa antiguidade e pelo fato de todos os imperadores gregos, desde Justiniano, terem sido coroados lá e vários terem sido assassinados no altar, além dos sultões turcos que a frequentam regularmente. Mas ela é inferior em beleza & tamanho em relação a algumas das mesquitas, particularmente “Soleyman”, etc., e não deve ser mencionada na mesma página que St. Paul (eu falo como um londrino). No entanto, prefiro a catedral gótica de Sevilha à de St. Paul, St. Sophia, e qualquer edifício religioso que eu já vi.

As paredes do harém são como as muralhas dos jardins de Newstead, apenas mais altas, e quase na mesma ordem; mas o passeio pelos muros da cidade, no lado da terra, é bonito. Imagine quatro milhas de imensas ameias³⁶ triplas cobertas de hera, com 218 torres em cima, e, do outro lado da estrada, túmulos turcos (os lugares mais bonitos da terra) cheios de ciprestes enormes. Eu vi as ruínas de Atenas, de Éfeso e de Delfos. Atravessei grande parte da Turquia, muitas outras partes da Europa e algumas da Ásia, mas nunca contemplei uma obra de natureza ou arte que produzisse uma impressão como a perspectiva de cada lado das Sete Torres até o fim do Chifre de Ouro.

*Agora para a Inglaterra. Você não recebeu o volume de poesia do meu amigo Hobhouse, ele foi publicado há vários meses, você deveria lê-lo. Fico feliz em saber do progresso do *English Bards*³⁷, &c. Você observou, é claro, que eu fiz amplos acréscimos à nova edição. Você recebeu meu retrato de Sanders, Vigo Lane, Londres? Foi terminado e pago muito tempo antes que eu saísse de Inglaterra. Por favor, o envie. Você parece ser uma leitora intensa de revistas. De onde você tira todas essas ideias, citações, &c., &c.? Embora tenha ficado feliz em conseguir minha cadeira sem a ajuda de*

36 - Abertura, no parapeito das muralhas de castelos ou fortalezas, por onde os defensores visualizavam o inimigo.

37 - *English Bards and Scotch Reviewers*, sátira em versos escrita por Byron e publicada pela primeira vez em 1809, anonimamente.

Lord Carlisle, eu não tinha atitudes a tomar com um homem que se recusou a intervir como sendo de minhas relações naquela ocasião, e fiz com ele³⁸, embora me arrependa de afligir a Sra. Leigh, pobrezinha! Espero que ela esteja feliz.

Minha opinião é que o Sr. Bowman deve se casar com senhorita Rushton. Nosso primeiro dever é não fazer o mal; mas, que pena! Isso é impossível. O próximo é consertá-lo, se estiver ao nosso alcance. A moça é do mesmo nível dele, se ela fosse inferior, uma soma em dinheiro e provisão para a criança seria alguma compensação, embora insuficiente. Como manda a situação, ele deve casar com ela. Não terei nenhum mulherengo trapaceiro e malandro em minha propriedade, e não permitirei a meus arrendatários um privilégio que eu não me permita – o de seduzir as filhas dos outros. Deus sabe, sou culpado de muitos excessos. Mas, como tomei a decisão de me aperfeiçoar, e ultimamente a mantive, espero que esse libertino siga o exemplo e comece por restituir essa moça para a sociedade, ou, pela barba de meu pai! Ele vai ouvir. Peço que cuide de Robert, que perderá seu mestre; pobre rapaz, ele não queria voltar. Confio que esteja bem e feliz. Será um prazer ouvir de você. Acredite em mim,

*seu sempre sinceramente,
Byron.*

P.S. Como está Joe Murray?

P.S. 6 de julho de 1810

Querida mãe,

Abro a carta para lhe dizer que, tendo Fletcher pedido para me acompanhar para a Moreia, levei-o comigo, ao contrário da intenção expressa em minha carta.

*seu sempre,
Byron*

38 - Byron fez rimas ácidas e ofensivas contra Lord Carlisle em *English Bards and Scotch Reviewers*, vingando-se do tio que, como ele diz nesse trecho, se recusou a ajudá-lo a assumir sua cadeira na Câmara dos Lordes.

Lamento por você e pelos seus vizinhos caçadores de fofocas

Constantinopla, 1 ° de julho de 1810.

Minha querida Mãe,

Não quero esquecer aqueles que têm qualquer reivindicação a meu respeito, e ficarei feliz com os bons votos de R quando ele puder expressá-los pessoalmente, o que, ao que parece, será em alguma data bem indefinida. Posso talvez ensaiar um discurso ou dois na Câmara quando eu voltar, mas não tenho ambições para uma carreira parlamentar, que é, entre todas as coisas, a mais degradante e ingrata. Se eu pudesse, por meus próprios esforços, inculcar a verdade de que um homem não se destina a déspota ou máquina, mas a indivíduo de uma comunidade, e está apto para a sociedade dos reis, desde que não transgrida as leis ou se rebele contra governos justos, eu poderia tentar fundar uma nova utopia. Mas, da maneira como as coisas estão no momento, você não vai esperar que eu sacrifique minha saúde ou a mim mesmo por ambição sua ou de qualquer um.

Mudando de assunto para algo que você vai entender melhor, como estão senhorita R's, os W's e os tristes bastardos do Sr. R? Pois suponho que ele não negará a autoria deles, que foi, para dizer o mínimo, imprudente e imoral. Pobre senhorita ----: se ele não casar com ela, e casar rápido, ele não será mais meu inquilino a partir do dia em que eu pôr os pés na costa inglesa. Fico feliz que tenha recebido meu retrato de Sanders. Isso não me agrada, penso eu, mas o assunto é ruim e devo ter a mesma atitude de Fletcher com os vinhos gregos: fazer uma careta e esperar pelo melhor. O que você me disse sobre ----. Não é verdade, o que lamento por você e pelos seus vizinhos caçadores de fofocas, a quem apresento os meus bons votos, e acredite em mim,

*seu, etc.,
Byron.*

Fletcher, depois de ter sido assado e torrado, cozido, grelhado e comido por todos os tipos de coisas rastejantes, começa a filosofar

Atenas, 20 de julho de 1810.

Querida Mãe,

Cheguei aqui em quatro dias, vindo de Constantinopla, o que é considerado singularmente rápido, especialmente por causa da estação do ano. Saí de Constantinopla com Adair, em cujo adieux de partida vi o sultão Mahmud³⁹ e obtive uma permissão para visitar as mesquitas, das quais lhe dei uma descrição em minha última carta, dessa vez viajando para a Inglaterra na fragata Salsette, na qual visitei as planícies de Tróia e Constantinopla. Vossa nobreza nortista não tem ideia do que é um verão grego, que é uma perfeita geada em comparação a Malta e Gibraltar, onde repousei à sombra, no ano passado, depois de um galope suave de quatrocentas milhas ininterruptas por Portugal & Espanha.

Você vê, pela minha data, que eu estou em Atenas outra vez, um lugar que eu penso preferir, no geral, a qualquer outro que vi. Meu próximo movimento é ir amanhã para Moreia, onde provavelmente vou ficar um mês ou dois e depois voltar para o inverno aqui, se eu não mudar meus planos, que são bem mutáveis, como você pode imaginar, mas nenhum deles se aproxima da Inglaterra. O Marquês de Sligo⁴⁰, meu velho companheiro de facul-

39 - Prothero (1898, p. 287) aponta que, em 10 de julho de 1810, o embaixador britânico Robert Adair teve uma audiência com o Sultão Mahmud II, e, no dia 14, a Salsette partiu. Ela foi até a ilha de Zea (atual Ceos) para desembarcar Byron, que de lá se dirigiu para Atenas. Foi na guerra contra Mahmud II, conquistador de Ali Paxá e destruidor dos janízaros, que Byron perdeu a vida. Na referida audiência, Byron reivindicou prioridade na comitiva por ser lorde.

40 - Lorde Sligo estava em Atenas com uma equipe de cinquenta homens. Enquanto passavam por Pireu, viram um homem pular do topo das pedras para o mar. Lorde Sligo, reconhecendo o banhista como Byron, chamou-o para se vestir e se juntar a eles. Assim, começou o que Byron, em suas memórias, chama de “a amizade mais agradável que eu fiz na Grécia” (...) Ele falava frequentemente da mãe para Lorde Sligo, que achava que o sentimento dele para com ela era de uma certa aversão. “Uma hora ou outra”, disse ele, “vou lhe dizer por que me sinto assim com relação a ela”. Alguns dias depois, quando estavam se banhando no Golfo de Lepanto, apontando para a perna e os pés nus, ele exclamou: “Veja! É à falta de cuidado dela no meu nascimento que devo essa deformidade. Ainda assim, desde que me entendo por gente, ela nunca deixou de me insultar e me repreender por isso. Mesmo alguns dias antes de nos separarmos pela última vez, ao sair da Inglaterra, ela, em um de seus arroubos passionais, jogou uma praga em mim, dizendo que eu vou provar ser

dade, está aqui e deseja acompanhar-me para Moreia. Iremos juntos para esse fim, mas me sinto lamentavelmente cansado de companheiros de viagem depois de um ano de experiência com o Sr. Hobhouse, que está a caminho da Grã-Bretanha. O senhor S. seguirá mais tarde seu caminho à capital, e lordê B., tendo visto todas as maravilhas daquela região, lhe informará sobre o que fará em seguida, o que, no momento, não está bem certo.

Malta é meu eterno posto de correio, do qual minhas cartas são encaminhadas a todas as partes do globo habitável. A propósito, até agora estive na Ásia, na África e no leste da Europa e, na verdade, aproveitei meu tempo sem pressa nas cenas mais interessantes do mundo antigo. Fletcher, depois de ter sido assado e torrado, cozido, grelhado e comido por todos os tipos de coisas rastejantes, começa a filosofar. Tornou-se um homem refinado e resignado e promete que, em seu regresso, se tornará um adorno para sua própria paróquia e uma figura bastante proeminente no futuro pedigree dos Fletchers, que eu considero góticos por suas realizações, gregos por sua astúcia e saxões antigos por seu apetite. Ele (Fletcher) pede licença para enviar meia dúzia de suspiros a Sally, sua esposa, e gostaria de saber (embora eu não) se suas cartas mal escritas e cheias de erros gráficos nunca chegaram. Sobre esse assunto, não há grande perda em nenhuma das nossas cartas, salvo e exceto que eu desejo que você saiba que estamos bem e aquecidos o suficiente no presente escrito, Deus sabe.

Você não deve esperar cartas longas no momento, pois elas são escritas com o suor da minha testa, eu lhe asseguro. É bastante singular que o Sr. Hanson não tenha escrito uma sílaba desde a minha partida. Tenho recebido a maior parte de suas cartas, bem como outras. A partir disso, calculo que o homem da lei esteja com raiva ou ocupado. Acredito que você goste de Newstead e concordo com seus vizinhos, mas você sabe que é uma megera – não é uma denominação digna? Peço que cuide dos meus livros e de várias caixas de papéis nas mãos de Joseph; e, por favor, deixe algumas garrafas de champanhe para eu beber, pois estou com muita sede, mas não insisto no último artigo, sem que você aprove. Suponho que você está com sua casa cheia de mulheres tolas, falando coisas escandalosas. Já recebeu

tão malformado mentalmente como eu sou fisicamente! “ (PROTHERO, 1898, p. 289-290)

meu retrato a óleo de Sanders, Londres? Ele está pago há 16 meses, por que você não pegou? Minha comitiva, composta por dois turcos, dois gregos, um luterano, e o indescritível Fletcher, está fazendo tanto barulho, que fico feliz em assinar o seu & c,

Byron.

Tão desconfortável para ele quanto para mim

Atenas, 27 de julho de 1810.

Querida Mãe,

Escrevo novamente, caso você não tenha recebido minhas cartas. Hoje entro na Moreia, que ficará, eu acredito, mais fria do que este lugar, onde permaneci na expectativa de descansar. Sigo propôs muito gentilmente uma união de nossas forças para a ocasião, o que talvez seja tão desconfortável para ele quanto para mim, a julgar por experiência anterior, o que, no entanto, pode ser explicado por minha própria irritabilidade e pressa.

*Em Constantinopla, visitei as mesquitas, planícies e nobres daquele lugar, que, na minha opinião, não podem ser comparados aos de Atenas e seus arredores. Na verdade, eu não conheço nenhum cenário turco para igualar este, que seja civilizado e celta o suficiente, com pouca alteração na situação e nos habitantes. Um costume usual aqui, como em Cádiz, é abrir mão de esposas, filhas, etc., por um pequeno presente de ouro ou armamentos ingleses (para os quais os gregos dão grande valor). As mulheres são geralmente de estatura média, com olhos turcos, cabelo liso e pele cor de oliva clara, mas são bem menos amorosas do que as *bellés* espanholas, que eu descrevi a você em cartas anteriores.*

Tenho algumas façanhas para me gabar quando eu voltar, o que é indesejado e indesejável – eu sempre excluo você de minhas queixas, e espero que você me aguarde com o mesmo prazer que eu espero encontrar você. Você não tem noção do êxtase do Lord S. quando o informei sobre meus prováveis movimentos. O homem está bem e sensato o suficiente sozinho, mas a multidão de criados turcos, gregos, ingleses que ele carrega consigo, torna a companhia dele, ou melhor, deles, um aborrecimento intolerável. Se você ler esta carta para ----, você pode imaginar em que eu acredito que você se sobressai.

Antes de deixar a Inglaterra, prometi dar a Charles o chicote de prata (em seu quarto). Dê a ele, pobre menino, pois não me agrada que ele me considere tão infiel quanto a amante dele, que, por sinal, não é melhor do que deveria ser e não é grande perda para ele nem para a família dele. Hobhouse está em silêncio, e, suponho eu, ainda não voltou; Na verdade, assim como eu, ele parece amar mais ao mundo do que à Inglaterra, e mais ao Diabo do que aos dois, que eu lamento não estar presente para ser informado disto. Não deixe de repetir isso se você o vir (me refiro a Hobhouse), e a certeza de que eu sou para ele, com você,

*Sempre afetuosamente,
Byron.*

Hoje num palácio, amanhã numa espelunca

Patras, 30 de julho de 1810.

Cara senhora,

Quatro dias depois de sair de Constantinopla, com vento favorável, cheguei na fragata à ilha de Teos, de onde tomei um barco para Atenas, onde encontrei meu amigo Marquês de Sligo, que expressou desejo de prosseguir comigo até Corinto. Em Corinto nos separamos, ele para Tripolítza, eu para Patras, onde tinha alguns assuntos a tratar com o cônsul, Sr. Strane, em cuja casa eu agora escrevo. Ele me prestou todo o auxílio ao seu alcance desde que eu saí de Malta em direção a Constantinopla, de onde eu escrevi a você duas ou três vezes. Em poucos dias visitarei o Paxá em Tripolítza, farei a volta da Moreia e voltarei novamente a Atenas, que neste momento é o meu quartel-general. O calor é intenso no momento. Na Inglaterra, se chega aos 98 graus vocês ficam todos em chamas. Outro dia, ao viajar entre Atenas e Mégara, o termômetro estava a 125!!! No entanto, não sinto nenhuma inconveniência; claro que estou muito bronzeado, mas vivo moderadamente, e nunca gozei de melhor saúde.

Antes de deixar Constantinopla, vi o Sultão (com o Sr. Adair) e o interior das mesquitas, coisas que raramente acontecem aos viajantes. O Sr. Hobhouse foi para a Inglaterra. Não tenho pressa de voltar, mas não tenho recados especiais para o seu país, exceto minha surpresa com o silêncio do Sr. Hanson e meu desejo de que ele faça remessas regularmente. Suponho que algum acordo foi feito com relação a Wymondham e Rochdale⁴¹. Malta é a minha agência de correios, ou o Sr. Strane, cônsul-geral, Patras, Moreia. Você se queixa do meu silêncio – eu escrevi vinte ou trinta vezes no último ano: nunca menos de duas vezes por mês, e muitas vezes mais. Se as minhas cartas não chegarem, você não deve concluir que fomos devorados, ou que há guerra, ou uma peste, ou fome; nem deve dar crédito a relatos estúpidos, que eu ouse dizer que você tem em Notts, como de costume. Estou muito bem,

41 - Propriedades de Byron que estavam sendo negociadas.

nem mais nem menos feliz do que normalmente sou; exceto que estou muito contente de estar mais uma vez sozinho, porque eu estava cansado do meu companheiro, não porque ele fosse má companhia, mas porque minha natureza me leva à solidão, e essa tendência aumenta a cada dia. Se eu quiser, aqui há muitos homens que gostariam de se juntar a mim – um quer que eu vá para o Egito, outro para a Ásia, da qual eu já vi o suficiente.

A maior parte da Grécia já é minha, de modo que só passarei por meu antigo território e contemplarei para meus velhos mares e montanhas, as únicas experiências que já me aperfeiçoaram. Tenho uma comitiva razoável, um tártaro, dois albaneses, um intérprete, além de Fletcher; mas neste país estes são facilmente mantidos. Adair me recebeu maravilhosamente bem, e, na verdade, não tenho queixas contra ninguém. A hospitalidade aqui é necessária, pois não há pousadas. Tenho vivido nas casas de gregos, turcos, italianos e ingleses – hoje num palácio, amanhã numa espelunca; o dia de hoje com um Paxá, o seguinte com um pastor. Vou continuar a escrever de forma breve, mas com frequência, e fico satisfeito em ouvir de você; mas você enche suas cartas com coisas de jornais, como se os jornais ingleses não fossem encontrados em todo o mundo. Eu tenho, neste momento, uma dúzia diante de mim. Peço que cuide de meus livros, e acredite em mim,

*minha querida mãe, seu muito fiel,
Byron.*

Uma façanha da qual tenho o cuidado de me gabar

Patras, 2 de outubro de 1810.

Cara senhora,

Já faz vários meses desde que recebi qualquer correspondência sua; mas não estou surpreso, nem tenho qualquer reclamação a fazer, já que você escreveu com frequência, pelo que eu lhe agradeço. Porém, condeno muito o Sr. Hanson, que não deu a mínima notícia das minhas muitas cartas, nem do meu pedido antes de deixar a Inglaterra, da qual parti há quinze meses deste mesmo dia. Assim, um ano e três meses se passaram sem que eu tenha recebido a menor ciência sobre o estado dos meus negócios, e não tiveram postura de admitir negligência, e eu julgo e declaro que o Sr. Hanson agiu de forma negligente e culpada ao não me informar de seus procedimentos; também vou acrescentar não civilizada. As cartas dele, se é que houve alguma, não poderiam se extraviar facilmente; as comunicações com o Levante são lentas, mas toleravelmente seguras, pelo menos até Malta, e lá deixei instruções que sei que seriam observadas.

Escrevi a você várias vezes de Constantinopla e Esmirna. Você perceberá pela minha data que eu estou de volta a Moreia, da qual tenho feito o tour e visitado o Paçá, que me deu um ótimo cavalo e me prestou todas as honras possíveis e atenção. Até agora, já vi uma boa porção da Turquia na Europa e Ásia Menor, e permanecerei em Atenas e nos arredores até ouvir da Inglaterra. Tenho cumprido pontualmente suas ordens sobre escrever com frequência, mas não vou descrever países que já foram amplamente tratados. Creio que, antes desta hora, o Sr. Hobhouse terá chegado à Inglaterra, e ele leva cartas minhas, escritas em Constantinopla. Nelas, eu menciono ter visto o sultão & as mesquitas e que nadei de Sestos para Abidos, uma façanha da qual eu tenho o cuidado de me gabar. Estou aqui a negócios no momento, mas Atenas é a minha sede, onde estou muito bem situado num convento franciscano. Acredite que sou, com grande sinceridade,

*seu muito afetosamente,
Byron.*

P.S. - Fletcher está bem, e desgostoso como de costume; a esposa dele não escreve, pelo menos os rabiscos dela não chegaram. Você vai endereçar suas cartas a Malta. Por favor, você nunca recebeu minha pintura a óleo de Sanders, Vigo Lane, Londres?



Retrato de Byron com seu pajem, feito por Sanders
Disponível em: <https://www.rct.uk/collection/402411/george-gordon-6th-lord-byron-1788-1824>

Os homens prejudicam mais a si mesmos do que o próprio Diabo

Atenas, 14 de janeiro de 1811.

Minha cara senhora,

Aproveito uma ocasião para escrever de forma breve, como de costume, mas com frequência, visto que a chegada de cartas onde não há comunicação regular é, naturalmente, muito precária. Ultimamente, fiz vários pequenos passeios de cerca de cem ou duzentas milhas perto da Moreia, Ática, &c., já que terminei o meu grande giro pela Tróade, Constantinopla, etc., e estou de volta a Atenas novamente.

Creio ter mencionado a você mais de uma vez que atravessei a nado (em imitação a Leandro, embora sem sua senhora) o Helesponto, de Sestos a Abidos. Disto, e de todos os outros detalhes, Fletcher, que eu enviei para casa com papéis, etc, irá reformá-la. Eu não posso achar que ele é uma perda; sendo relativamente bom nas línguas italiana e grega moderna, e estando também estudando a última com um professor, posso dar instruções e conversar mais do que suficiente para um homem razoável. Além disso, as eternas lamúrias dele por carne e cerveja, o desprezo estúpido e intolerante por tudo o que era estrangeiro e a insuperável incapacidade de aprender mesmo poucas palavras em qualquer língua o tornavam, como todos os outros criados ingleses, um fardo. Eu lhe asseguro, a chatice de ter que falar por ele, os confortos que ele precisava (de longe, bem mais do que eu), os pilaws (um prato turco de arroz e carne) que ele não podia comer, os vinhos que ele não podia beber, camas onde ele não podia dormir, e a longa lista de desventuras, como cavalos cambaleantes, falta de chá!!! &c. que o acometeu teria sido uma imensa fonte de gargalhadas para um espectador e de inconveniência para um patrão. Apesar disso, o homem é bastante honesto, e, na cristandade, suficientemente capaz; mas, na Turquia, Deus me perdoe! Meus soldados albaneses, meus tártaros & janízaros trabalharam para ele & para nós também, como meu amigo Hobhouse pode atestar.

É provável que eu me dirija para casa na primavera; mas, para que eu possa fazer isso, preciso de remessas. Meus próprios recursos teriam durado muito bem, mas fui obrigado a ajudar um amigo, que, eu sei, vai me pagar; mas, por enquanto, estou sem dinheiro. No momento, não me importo em me aventurar numa viagem de inverno, mesmo se estivesse cansado de viajar; mas estou tão convencido das vantagens de observar a humanidade ao invés de ler sobre ela, e dos efeitos amargos de ficar em casa com todos os preconceitos limitados de um ilhéu, que acho que deveria haver uma lei entre nós para enviar os nossos jovens ao exterior, por um período, entre os poucos aliados que nossas guerras nos deixaram. Aqui, eu vejo e já conversei com franceses, italianos, alemães, dinamarqueses, gregos, turcos, americanos, & c, & c, & c; e, sem perder de vista a mim mesmo, posso julgar os países e as maneiras dos outros. Onde eu vejo a superioridade da Inglaterra (sobre a qual, de certo modo, estamos equivocados em muitas coisas), fico satisfeito, e, quando a encontro inferior, sou pelo menos esclarecido. Agora, eu poderia ter ficado enfumaçado em suas cidades ou velado em seu país por um século sem ter certeza disso e sem obter qualquer coisa mais útil ou divertida em casa.

Eu não mantenho nenhum diário, nem tenho qualquer intenção de rabiscar sobre minhas viagens. Eu fiz com autoria, e se na minha última produção convenci os críticos ou o mundo de que eu era algo melhor do que eles me julgavam, estou satisfeito; nem vou arriscar essa reputação por um esforço futuro. É verdade que tenho outros manuscritos, mas os deixo para aqueles que me seguem; e, se julgarem valer a pena publicar, podem servir para prolongar minha memória quando eu mesmo deixar de lembrar. Tenho um famoso artista bávaro fazendo algumas paisagens de Atenas, & c., & c., para mim. Isso será melhor do que rabiscar, uma doença da qual espero estar curado. Espero, em meu retorno, levar uma vida sossegada e reclusa, mas Deus sabe e faz o melhor para todos nós; pelo menos assim dizem, e não tenho nada a objetar, pois, em geral, não tenho motivo para me queixar da minha sorte. Contudo, estou convencido de que os homens prejudicam mais a si mesmos do que o próprio diabo poderia fazê-lo. Eu confio que esta carta a encontrará bem e tão feliz quanto podemos ser; você, pelo menos, ficará satisfeita ao ouvir que eu estou assim,

& seu sempre,
Byron

A três mil milhas da Inglaterra, sem dinheiro

Atenas, 2 de fevereiro de 1811

Querida mãe,

Tendo sido liberado por uma autorização da Porte para seguir para Jerusalém & Egito, devo visitar as pirâmides & a Palestina antes de meu retorno. Você será generosa o suficiente para lembrar Hanson de fazer remessas & não permitir com que ele me deixe a três mil milhas da Inglaterra sem dinheiro. Em tendo Fletcher chegado a esta hora, não digo mais nada, apenas envio uma cópia dessa carta; eu também tenho escrito em intervalos.

*seu sempre,
Byron*

P.S. – Envie suas cartas para Malta, mas meu dinheiro deve ser enviado para Constantinopla.

Nem interesse nem afeição me levam em direção ao norte

Atenas, 28 de fevereiro de 1811.

Cara senhora,

Como recebi uma permissão para o Egito, &c., vou para aquela região na primavera, & peço-lhe que diga ao Sr. Hanson que é necessário enviar mais remessas. Sobre o assunto de Newstead, eu respondo como antes: não. Se for necessário vender, venda Rochdale. Fletcher já terá chegado a essa hora com minhas cartas a esse respeito. Vou dizer-lhe honestamente, não tenho, em primeiro lugar, nenhuma opinião sobre propriedade financiada. Se, por quaisquer circunstâncias particulares, eu for levado a adotar tal determinação, passarei, em todo caso, minha vida no exterior, já que meu único laço com a Inglaterra é Newstead, e, uma vez perdido, nem interesse nem afeição me levam em direção ao norte. Competência em seu país é riqueza ampla no Oriente, tal é a diferença no valor do dinheiro & na abundância das necessidades da vida, & eu me sinto tão cidadão do mundo, que o lugar onde eu puder desfrutar de um clima delicioso & de cada luxo com menos despesas do que em uma faculdade comum na Inglaterra sempre será um país para mim. E tais são, na realidade, as costas do arquipélago. Esta é então a alternativa: se eu ficar com Newstead, eu volto; se eu a vender, fico longe. Não recebi nenhuma carta desde a sua em junho, mas escrevi várias vezes, e continuarei, como de costume, com o mesmo plano. Acredite em mim,

*seu sempre,
Byron.*

P.S. Eu a verei provavelmente no verão, mas, naturalmente, a uma certa distância, eu não posso especificar nenhum mês em particular.

Nunca gostei da sociedade, e estou gostando menos do que antes

Fragata "Volage", no mar, 25 de junho de 1811.

Querida mãe,

Esta carta, que será enviada na nossa chegada a Portsmouth, provavelmente por volta de 4 de julho, é iniciada cerca de vinte e três dias depois de nossa partida de Malta. Acabei de completar dois anos (por um dia, em 2 de julho) ausente da Inglaterra, e volto a ela com os mesmos sentimentos que prevaleceram na minha partida, isto é, indiferença. Mas, dentro dessa apatia, eu certamente não incluo você, como vou provar por todos os meios ao meu alcance.

Você será generosa o suficiente para arrumar meus aposentos em Newstead; mas não se incomode de maneira nenhuma, especialmente por minha causa, nem me considere de qualquer outro modo senão como um visitante. Devo apenas informá-la que há muito tempo estou restrito a uma dieta completamente vegetal, nem peixe nem carne entram em meu regime; assim, espero um grande estoque de batatas, legumes & biscoito; não bebo vinho.

Tenho dois criados, homens de meia-idade & ambos gregos. É minha intenção seguir primeiro para a cidade, ver o Sr. Hanson, &, de lá, ir para Newstead, a caminho de Rochdale. Só tenho que pedir-lhe que não se esqueça da minha dieta, o que é extremamente necessário para mim observar. Estou bem de saúde, como geralmente estive, com exceção de duas malárias, que eu rapidamente superei.

Meus planos dependem tanto das circunstâncias, que não me arrisquei a dar nenhuma opinião sobre o assunto. Minhas perspectivas não são muito promissoras, mas suponho que vamos lutar pela vida como nossos

vizinhos. Na verdade, pelas últimas informações de Hanson, tenho algum receio de encontrar Newstead desmontada pelo Messrs. Brothers⁴², &c., e ele parece determinado a me forçar a vendê-la, mas lutará em vão.

Acho que não vou ficar muito incomodado com os visitantes, mas, se eu ficar, você deve recebê-los, pois estou determinado a não ter ninguém invadindo o meu retiro: você sabe que eu nunca gostei da sociedade, & estou gostando menos do que antes. Eu lhe trouxe um xale & uma quantidade de essência de rosas, mas devo passá-los clandestinamente, se possível. Confio encontrar minha biblioteca em ordem tolerável.

Fletcher sem dúvida já chegou. Vou separar o moinho da fazenda do Sr. B (pois o filho dele é muito “mulherengo e trapaceiro” para herdar os dois) & colocar nele Fletcher, que me serviu fielmente, & cuja esposa é uma boa mulher. Além disso, é necessário acalmar o jovem Sr. B., ou ele vai povoar a paróquia com bastardos. Resumindo, se ele tivesse seduzido uma empregada, poderia ter feito algo como um pedido de desculpas; mas a moça está no mesmo patamar que ele, &, seja na vida de alto ou de baixo padrão, a reparação é feita em tais circunstâncias. Mas não interferirei mais (como Bonaparte) do que desmembrando o reino do Sr. B. e erguendo parte dele em um principado para o Marechal Fletcher! Eu espero que você governe meu pequeno império & sua triste carga de dívida nacional com uma mão cautelosa. Para abandonar minha metáfora, peço permissão para assinar,

seu sempre
B.

[Escrito no envelope] Esta carta foi escrita para ser enviada de Portsmouth, mas, ao chegar lá, o esquadrão foi mandado para o Nore, de onde eu vou encaminhá-la. Não fiz isso antes supondo que você poderia ficar alarmada com o fato de o intervalo mencionado na carta ser mais longo do que o esperado entre a nossa chegada no porto & a minha apresentação em Newstead. B. 14 de julho de 1811.

42 - Loja de decoração de Nottingham, que tinha apresentado uma execução em Newstead por £ 1600. (PROTHERO, 1898, p. 312)

Uma visita curta

Reddish's Hotel, St. James's Street, Londres, 23 de julho de 1811.

Minha cara senhora,

Só estou detido pelo Sr. Hanson para assinar alguns papéis referentes à posse de terras & lhe darei aviso prévio sobre minha chegada. É com grande relutância que eu permaneço na cidade. Vou fazer uma visita curta, pois vamos para Lancashire tratar dos negócios de Rochdale. Vou atender às suas recomendações, é claro, & sou, com grande respeito,

*seu sempre,
Byron.*

P.S. Considere Newstead sua casa, não minha; e a mim apenas como um visitante.

EPÍLOGO

Após chegar em Londres, em 14 de julho de 1811, Byron deu prioridade a assuntos relacionados às suas publicações e a negócios que envolviam a venda de suas propriedades, conforme atesta Leslie Marchand (1993). Dessa forma, adiou o quanto pôde sua ida à Abadia de Newstead, onde Catherine se encontrava adoentada. O relacionamento dele com a mãe, ressalta Marchand, era bem melhor à distância.

Segundo Eisler (1999), ainda em Londres, Byron recebeu o aviso de um cirurgião de Nottingham atestando a gravidade do estado de saúde de sua genitora, mas assegurando que ela não parecia estar em perigo iminente. Apesar do prognóstico otimista do médico, Catherine piorou rapidamente. Em 31 de julho, Byron foi chamado à Abadia, e, no dia seguinte, recebeu um recado avisando que a mãe estava morrendo.

Alarmado e sem dinheiro para ir até Newstead, Byron pediu 40 libras emprestadas ao advogado Hanson. No entanto, antes mesmo de sair de Londres para vê-la pela primeira vez após sua chegada à Inglaterra, um criado o encontrou e deu a ele a notícia da morte da mãe, em 1 de agosto.



Catherine Gordon

Disponível em: <https://royaldescent.blogspot.com/2016/04/>

Sobre a tradutora



Marília Mesquita Queiroz é graduada em Língua e Literatura Inglesa pela Universidade Federal do Piauí (2002), especialista em Educação Profissional Integrada à Educação Básica pelo Instituto Federal do Piauí (2015) e Mestre em Letras pela Universidade Federal do Piauí (2019). Em sua pesquisa de mestrado, analisa o ethos byroniano pelo viés da teoria Semiolinguística. É docente do Instituto Federal do Piauí, onde atua no ensino de Língua Inglesa nos cursos de nível superior, médio e técnico desde 2008, e membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso da Universidade Federal do Piauí, NEPAD/UFPI/CNPq.



O conteúdo desses documentos gira em torno das aventuras e desventuras de Lorde Byron pela vida, dos 11 aos 23 anos de idade: as desavenças com os professores em Harrow, o desespero por amor, os comentários ácidos sobre o comportamento de seu criado Fletcher, de vizinhos, de colegas de viagem, de conterrâneos, de chefes de estado... Ao longo das missivas, será possível notar que as narrações, inicialmente centradas nas angústias pueris de um Byron adolescente, vão sendo gradativamente substituídas pela descrição das paisagens e personagens com as quais o jovem aventureiro se depara em sua primeira grand tour pelo exterior, que inclui andanças por países como Portugal, Espanha, Grécia e Albânia, entre outros.

Marcadas por um ethos vaidoso, crítico e irônico, estas cartas permitem visualizar também traços da espontaneidade do poeta, cujas narrativas literárias, ressaltam biógrafos e estudiosos, muitas vezes se confundem com episódios de sua vida real.

